



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

CARLA MARISA MAGALHÃES RIBEIRO

**O conceito de fraternidade no contexto do
problema ecológico contemporâneo -
Unidade Letiva 4: Construir a fraternidade
(5.º ano - 2.º Ciclo do Ensino Básico)**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof.^a Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

**Braga
2019**

ÍNDICE

RESUMO	4
ABSTRACT	5
INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I – FRATERNIDADE: ANÁLISE CONCEPTUAL	8
1. Conceito de fraternidade	8
1.1. <i>Definição de fraternidade</i>	8
1.2. <i>Fundamentação ontológica do conceito de fraternidade</i>	11
1.2.1. A fraternidade no Antigo Testamento	12
1.2.2. Fraternidade e Evangelho	14
1.2.3. Quem é o meu próximo?	16
2. Síntese do capítulo	18
CAPÍTULO II – OS DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO MAIS FRATERNAL	20
1. Carta Encíclica <i>Laudato Si'</i> – sobre o cuidado da casa comum: do egoísmo e do consumismo à ecologia integral	20
2. A responsabilidade pelo outro e por toda a criação como possibilidade de superação do egoísmo e do consumismo	23
3. A construção de mundo fraterno como imperativo de todas as nações: análise do documento sobre <i>A Fraternidade Humana em prol da paz mundial e da convivência comum</i>	27
4. Síntese do capítulo	29
CAPÍTULO III – ABORDAGEM PEDAGÓGICA E DIDÁTICA DA UNIDADE LETIVA 4: CONSTRUIR A FRATERNIDADE (5.º ANO – 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO)	31
1. Caracterização da escola e da turma	31
1.1. <i>Caracterização da escola</i>	31
1.2. <i>Caracterização da turma</i>	33
1.3. <i>Unidade Letiva 4: Construir a fraternidade</i>	33
1.3.1. Aula número 1: Introdução ao conceito de fraternidade	35
1.3.2. Aula número 2: Todas as pessoas são iguais em dignidade.....	37

1.3.3. Aula número 3: As fragilidades e ameaças à fraternidade.....	38
1.3.4. Aula número 4: A importância do perdão nas relações com os outros. A Regra de Ouro do Cristianismo e de outras tradições religiosas.....	41
1.3.5. Aula número cinco: Construir um mundo mais fraterno.....	43
1.4. Avaliação da Prática de Ensino Supervisionada (PES)	45
CONCLUSÃO	49
BIBLIOGRAFIA	50
ANEXOS	53

RESUMO

O presente relatório resulta da Prática de Ensino Supervisionada onde trabalhamos a Unidade Letiva 4 – Construir a fraternidade, do 5.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico. O tema que abordamos nesta Unidade Letiva centra-se no conceito de fraternidade e nos desafios da construção de um mundo mais fraterno. Vivemos numa sociedade onde impera o paradigma tecnocrático. O egoísmo e o consumismo tomam conta do mundo e ameaçam os laços fraternos. Mas a essência do ser humano, criado à imagem de Deus, é amor e relação. Assim, é necessário uma mudança de paradigma. A ecologia integral, que visa todos os aspetos inerentes ao ser humano, é apresentada como um novo paradigma a seguir. Devemos começar a ver o outro como um fim em si mesmo e não como um meio para satisfazer os nossos desejos de poder e riqueza. Como ser de relação e ser de amor, o ser humano sente-se responsável pelo outro e por toda a Criação. A capacidade que o ser humano tem de perdoar e de cuidar do outro permite sarar as feridas que resultam das ameaças à fraternidade. Essas ameaças, como o ódio, a guerra e a injustiça, exigem um esforço conjunto de todas as nações para serem combatidas. Só com o empenho de todos é possível contruir um mundo mais fraterno.

Palavras-chave:

Fraternidade, dignidade, responsabilidade, perdão, ecologia integral.

ABSTRACT

This report is the result of the Supervised Teaching Practice where we work in Teaching Unit 4 - Building the fraternity, of the 5th grade of the 2nd Cycle of Basic Education. The theme we cover in this teaching unit focuses on the concept of fraternity and the challenges of building a more fraternal world. We live in a society where the technocratic paradigm rules. Selfishness and consumerism take over the world and threaten fraternal ties. But the essence of the human being, created in God's image, is love and relationship. Thus, a paradigm shift is required. Integral ecology, which addresses all aspects inherent to the human being, is presented as a new paradigm to follow. We should begin to see each other as an end in itself and not as a means to fulfill our desires for power and wealth. As a relationship being and a being of love, the human being feels responsible for the other and for all Creation. The ability of humans to forgive and care for others allows the wounds that result from threats to fraternity to heal. These threats, such as hatred, war and injustice, require a concerted effort by all nations to combat them. Only with everyone's commitment is it possible to build a more fraternal world.

Keyword:

Fraternity, dignity, responsibility, forgiveness, integral ecology.

INTRODUÇÃO

Pretendemos, com este trabalho, apresentar, de uma forma sistemática e crítica, um referencial teórico que serve de suporte à lecionação da Unidade Letiva 4 – Construir a fraternidade, do 5.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico, bem como, dar a conhecer os planos de aula, atividades e materiais que resultam da Prática de Ensino Supervisionada (PES).

Optamos pelo tema da fraternidade porque consideramos que é um tema pertinente, tendo em conta a vulnerabilidade das relações humanas hoje em dia. O mundo vive dilacerado pelas guerras, pelo ódio, pela sede de poder e de dinheiro. O outro não é mais o nosso irmão, mas um outro que não conhecemos e, que essa razão, se torna numa ameaça. Vivemos rendidos aos falsos deuses (riqueza e poder) que nos esquecemos que o que verdadeiramente importa são as relações humanas fundadas no amor e na responsabilidade. A essência do ser humano é amor, amor de Deus. Filhos do mesmo Pai somos todos irmãos. A criação é um processo contínuo rumo à plenitude. Exige do ser humano responsabilidade face às outras criaturas. Assim, cada um de nós deve dar o primeiro passo para a construção de um mundo mais fraterno. É esta a mensagem que queremos transmitir aos nossos alunos: Deus tudo cria, em amor e doçura, e o ser humano é responsável pela continuação da Criação.

No entanto, não podemos ser idílicos ao ponto de acreditar que, de um dia para o outro, o ser humano vai tomar consciência das suas ações e mudar, por completo, o seu comportamento destrutivo. As ameaças à fraternidade continuam a existir. Perante elas o ser humano tem que ter a capacidade de perdoar. Devemos tomar consciência que ferimos o outro, que o magoamos e que somos responsáveis pelo seu sofrimento. Pelo perdão o ser humano dá mais um passo na construção de um mundo mais fraterno. No entanto, sozinhos o caminho torna-se mais difícil. Assim, também é necessário o empenho de todas as nações. É necessário que os países ricos se responsabilizem pelos menos afortunados. O desafio é lançado e conta com o esforço conjunto de todos.

Organizamos o nosso trabalho em três grandes tópicos fundamentais identificados como capítulos. No primeiro capítulo pretendemos clarificar o conceito de fraternidade. Deste modo, apresentamos a sua definição e abordamos a questão da sua fundamentação ontológica. Para tal, analisamos o conceito de fraternidade no Antigo Testamento e no Evangelho de forma a respondermos à questão: Quem é o meu próximo?

Tendo em conta o conteúdo que trabalhamos no primeiro capítulo, no segundo capítulo vamos centrar-nos na problemática referente aos desafios da construção de um

mundo mais fraterno. Para abordarmos esta temática vamos analisar dois documentos que consideramos pertinentes para a problemática em questão: a Carta Encíclica *Laudato Si'* – *sobre o cuidado da casa comum*¹ e o documento sobre *A Fraternidade Humana em prol da paz mundial e da convivência comum*².

Depois de elaborar um referencial teórico, que nos permite criar os alicerces para a lecionação dos conteúdos, procedemos à sua aplicação em contexto de sala de aula. Assim, no terceiro capítulo focamo-nos na abordagem pedagógica e didática da Unidade Letiva 4 – Construir a fraternidade. Deste modo, primeiramente caracterizamos a escola e a turma de forma a compreendermos o contexto onde vamos realizar a PES. Este aspeto é importante, na medida em que, nos ajuda a planificar de acordo com as especificidades da turma. Seguidamente, apresentamos os planos de aula, as suas narrativas, os recursos que utilizamos e as atividades que desenvolvemos em sala de aula. Terminamos com a autoavaliação da PES.

¹ Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si'* – *sobre o cuidado da casa comum*, (Paulus: Lisboa), 24 de maio de 2015.

² Papa Francisco e Ahmed Al-Tayyeb, documento sobre *A Fraternidade Humana em prol da paz mundial e da convivência comum*, 4 de fevereiro de 2019. Consultado a 22 de maio, 2019. w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html

CAPÍTULO I – FRATERNIDADE: ANÁLISE CONCETUAL

Neste primeiro capítulo do trabalho iremos centrar-nos no conceito de fraternidade. Trata-se da palavra englobante da Unidade Letiva 4: Construir a fraternidade, do 5.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico. Deste modo, será pertinente clarificar o termo referindo a sua abrangência significativa. Seguidamente, abordaremos a sua fundamentação ontológica analisando algumas narrativas bíblicas do Antigo Testamento. Não podemos deixar de referir que é com Jesus Cristo que o conceito se amplia, uma vez que é Jesus Cristo que apresenta Deus como Pai Nosso, ou seja, Pai de todos nós e que nos apela à vivência no amor fraterno. Assim, iremos relacionar a fraternidade com o Evangelho. Só é possível falar em fraternidade se existir uma relação entre pessoas, entre irmãos, entre um eu e um outro. Este outro é alguém que nos é próximo, é o nosso irmão. Mas quem é este outro, quem é o meu próximo, o meu irmão? Assim, importa esclarecer quem é o nosso próximo, numa tentativa de mostrar que o nosso próximo são todos os seres criados por Deus. O nosso próximo não fica só na esfera do humano mas alarga-se a todas as criaturas. Pretendemos, então, neste primeiro momento, apresentar algumas ideias que possibilitam a compreensão de alguns conceitos para a lecionação da Unidade Letiva.

1. Conceito de fraternidade

Neste primeiro momento do trabalho vamos clarificar o conceito de fraternidade através da sua definição etimológica. Trata-se de um conceito bastante abrangente e que não se esgota numa simples definição. Posteriormente, procedemos à fundamentação ontológica do conceito. Para tal faremos uma análise tendo por base algumas narrativas bíblicas do Antigo Testamento, bem como, o que traz de novo o Evangelho sobre o conceito. Por último, vamos clarificar a noção de próximo, ou seja, responder à questão: Quem é o meu próximo?

1.1. Definição de fraternidade

A Unidade Letiva que iremos lecionar intitula-se Construir a fraternidade, assim, faz todo o sentido clarificar, primeiro, o conceito de fraternidade. A palavra fraternidade deriva do latim *fraternitāte*, que significa parentesco entre irmãos, confraternização entre

povos.³ Podemos, também, definir fraternidade como boa harmonia, união, amor ao próximo.⁴ Outra possível definição associa o conceito ao termo latino *frater*, irmão, que “na sua aceção mais comum designa o laço natural que deveria unir os membros da família humana através da história”⁵. Assim, irmão é “aquele que, em relação a outrem, é filho do mesmo pai e da mesma mãe, ou só do mesmo pai ou só da mesma mãe”⁶. Mas, o termo irmão pode, também, ser classificado gramaticamente como sendo um adjetivo e significa igual.⁷

A esta luz podemos retirar algumas ideias que nos ajudam a clarificar o conceito junto dos alunos. Assim, sendo um dos conteúdos a abordar a construção de um mundo mais fraterno (mais unido), o conceito deve ser alargado a todos os membros da família humana (amor ao próximo) e a toda a criação (boa harmonia). Será, também, a partir da ideia de irmão como igual que o apelo à relação fraterna, entre os seres humanos e as outras criaturas, se fundamenta.

Mas, o que queremos dizer quando nos referimos ao facto de sermos todos fraternos, todos irmãos, todos iguais? Por igual entendemos “que tem a mesma grandeza ou o mesmo valor, que tem as mesmas características”⁸. Assim, o ser humano será igual entre si porque tem o mesmo valor e esse valor designamos por dignidade humana. A dignidade humana é entendida como o “valor particular que tem todo o ser humano enquanto ser humano, como ser racional e livre, como pessoa”⁹. Deste modo, somos todos fraternos, irmãos, iguais, na medida em que possuímos uma dignidade intrínseca e inviolável.

Podemos referir, também, que o termo dignidade designa qualidades profundas, fundamentais e primeiras do ser humano, refere-se a um valor interior, “cujo fundamento se foi buscar à natureza do ser humano, natureza muito superior à dos animais”¹⁰. Embora todas as criaturas sejam irmãs, uma vez que existe uma igualdade ontológica, todos os seres têm uma origem comum, Deus Criador, o ser humano é especial. Por isso, devemos referir que esta igualdade entre todas as criaturas tem graus distintos. O ser humano é

³ *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, vol. III (Livros Horizonte: Lisboa, 1977).

⁴ Cf. *Novo Dicionário Compacto de Língua Portuguesa*, vol. III (Horizonte Confluência: Lisboa, 1980).

⁵ *Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura*, 8.ª Edição (Editorial Verbo: Lisboa, 1969).

⁶ *Dicionário da Língua Portuguesa*, 8.ª Edição (Porto Editora: Porto, 1999).

⁷ Cf. *Ibidem*.

⁸ *Dicionário da Língua Portuguesa*, 6.ª Edição (Porto Editora: Porto, 1989).

⁹ *Dicionário da Língua Portuguesa* (Porto Editora: Porto, 2010).

¹⁰ Roque Cabral, *Temas de Ética* (Faculdade de Filosofia da UCP – Braga: Braga, 2000), 274.

especial pelo facto de ter autonomia, racionalidade e espiritualidade, ser imagem e semelhança de Deus, ter uma alma imortal e de por ele ter encarnado o Verbo de Deus.¹¹

Quando abordamos a questão da dignidade humana não podemos deixar de referir o contributo de Immanuel Kant.¹² No século das luzes, Immanuel Kant foi um autor decisivo referindo que o ser humano possui valor absoluto e deve ser visto como um fim em si mesmo, condenando, assim, toda a instrumentalização do ser humano. Immanuel Kant defende que este nunca poderá ser usado como um meio para atingir um fim, mas sim, ser um fim em si mesmo.

“Duma maneira geral, todo o ser racional, existe como fim em si mesmo, não só como meio para o uso arbitrário desta ou daquela vontade. Pelo contrário, em todas as suas ações, tanto nas que se dirigem a ele mesmo como nas que se dirigem a outros seres racionais, ele tem sempre de ser considerado simultaneamente como fim”¹³.

Immanuel Kant traduz esta ideia no seguinte imperativo categórico: “Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio”¹⁴.

A não instrumentalização do ser humano reside, segundo Immanuel Kant, no facto dos seres humanos terem dignidade. Somos agentes racionais, livres, capazes de tomar as próprias decisões, de estabelecer os nossos próprios objetivos e guiar a nossa conduta pela razão. Somos pessoas e, por conseguinte, seres com dignidade. Assim, os seres humanos têm um valor intrínseco, isto é, dignidade que lhes dá valor além de qualquer preço. Por conseguinte, “aquilo porém que constitui a condição só graças à qual qualquer coisa pode ser um fim em si mesma, não tem somente um valor relativo, isto é um preço, mas um valor íntimo, isto é dignidade”¹⁵.

Quando abordamos esta temática com os alunos referimos que a igualdade do ser humano reside, então, no facto de todos sermos seres com dignidade. Para fundamentar esta ideia baseamo-nos, também, na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Nela é mencionada, várias vezes, o conceito de dignidade humana, referindo que a dignidade é inerente a todos os membros da família humana conferindo direitos iguais e

¹¹ Cf. Roque Cabral, *Temas de Ética*, 279-280.

¹² Immanuel Kant (1724-1804): Filósofo alemão contemporâneo do iluminismo, traduz todas as grandes esperanças do homem dessa época e todas as intrínsecas dificuldades do pensamento de então. Cf. António Lobo, *Dicionário de Filosofia* (Plátano Editora: Braga, 1999), 172.

¹³ Immanuel Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (Edições 70: Lisboa, 2007), 68.

¹⁴ Immanuel Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, 69.

¹⁵ Immanuel Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, 77.

inalienáveis¹⁶. Nesta Declaração é mencionado, também, que todos os seres humanos são dotados de razão e de consciência e que, por isso, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade¹⁷. Assim, a fraternidade, a igualdade e a dignidade são conceitos que não se podem dissociar.

Concluímos, então, que o ser humano, criado por Deus, possui dignidade. Quando estamos face a face perante outro ser humano parece que estamos “perante algo sagrado como dizia Cícero, ou profundo, no dizer de Agostinho”¹⁸. Podemos referir que o ser humano tem quase o poder divino de se constituir segundo aquilo que quiser ser. “Quase fizeste dele um ser divino; de glória e de honra o coroaste” (Sl 8,6). E por ele ter a capacidade de ser o que quiser, pode degenerar-se até aos brutos ou pode regenerar-se até aos anjos.

Na história da humanidade o ser humano nem sempre caminhou em direção ao bem. Possuindo livre-arbítrio e autodeterminação tem a capacidade de escolher entre o bem e o mal, entre aquilo que o dignifica e aquilo que o afasta da sua essência. Optando pelo mal ameaça os alicerces da construção fraterna da humanidade, fere o âmago da criação divina e quebra os laços filiais. Estas ideias serão retomadas, mais à frente, quando abordamos a problemática referente à questão: Quem é o meu próximo?

Após a clarificação dos conceitos, que consideramos nucleares para a lecionação dos conteúdos referentes à Unidade Letiva 4: Construir a fraternidade, abordamos, no tópico seguinte, a sua fundamentação ontológica. Parece-nos importante procurar as origens do conceito de fraternidade, começando pela Sagrada Escritura. Se partimos do pressuposto que somos todos fraternos, irmãos, iguais em dignidade e que essa dignidade provém do facto de sermos criados por Deus, então, o que nos diz a Palavra de Deus sobre tudo isto?

1.2. Fundamentação ontológica do conceito de fraternidade

O ser humano, consciente da sua finitude, interroga-se sobre a sua origem. Assim, ao reconhecer-se como criatura reconhece que carece de um fundamento, de uma razão para existir. A Sagrada Escritura apresenta-nos Deus Criador como origem de tudo. Somos um momento da Criação e não os únicos seres criados por Deus. Assim, se Deus tudo cria,

¹⁶ Cf. *Diário da República Eletrónico*, “Declaração Universal dos Direitos Humanos”. Consultado a 22 de março, 2019. <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ Roque Cabral, *Temas de Ética*, 280.

Ele é Pai de tudo o que existe e, conseqüentemente, somos irmãos de toda a Criação. O conceito de fraternidade ganha um novo ímpeto com Jesus Cristo. Jesus Cristo vem reforçar a ideia de que se Deus é Pai, somos todos seus filhos e, por conseguinte, todos irmãos.

1.2.1. A fraternidade no Antigo Testamento

Desde logo, nas primeiras narrativas bíblicas do Antigo Testamento, o conceito de fraternidade surge associado a todo o processo de criação, toda a humanidade é fraterna, ou seja, irmã, porque todos somos filhos do mesmo Deus Criador.

“Depois, Deus disse: ‘Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.’ Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o homem e mulher.” (Gn 1,26-27)

Mas o conceito não é aplicado exclusivamente ao ser humano, este alarga-se a todas as criaturas. Na narrativa bíblica da criação, Deus tudo cria em doçura, em amor. As Suas palavras dão vida a tudo o que existe e tudo o que existe é bom. Deus cria um paraíso de paz entre todos os seres humanos, animais e plantas, ou seja, entre todos aqueles que habitam a mesma terra. Todas as criaturas devem viver em harmonia, em união fraterna. Mas a verdade é que este vínculo primordial é logo quebrado pelo fratricídio entre Caim e Abel (Gn 4,8).

A narrativa bíblica de Caim e Abel é paradigmática e traduz, desde as origens do ser humano, a luta entre as pessoas. Traduz esta inclinação que a humanidade tem de subjugar e, se necessário, aniquilar os mais débeis. Esta inclinação tem origem nos desejos primários de conservação da espécie e de sobrevivência a todo o custo. Mas estes desejos primários e egoístas não esgotam todas as potencialidades humanas. Somos muito mais do que meros seres primários, somos filhos de Deus com a capacidade única de reconhecer os erros, de pedir perdão, de perdoar, de amar e de caminhar em frente neste aperfeiçoamento enquanto pessoa. Nem sempre é fácil olharmos à nossa volta e mantermos firme o sentido de responsabilidade para com o outro. Deus questiona Caim: ““Onde está o teu irmão Abel? Caim respondeu: ‘Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?’” (Gn 4,9). Neste diálogo podemos ver que perante a responsabilidade e a preocupação que devemos ter pelo outro, pelo nosso próximo, pelo nosso irmão, Caim, como muitos, responde com indiferença. O egoísmo, o ciúme, a inveja, cegam-nos ao ponto de vermos no outro uma

ameaça, alguém que tem de ser aniquilado para que possamos sobressair, para que possamos destacar-nos, esquecendo-nos que é na mediação com os outros que realmente somos o que somos: seres de relação e a relação só é possível pelo amor.

O relato bíblico de Caim e Abel não é caso único no Antigo Testamento. Podemos apresentar outros exemplos que apontam para uma visão vulnerável e ferida das relações fraternas. A história de Esaú e Jacob (Gn 25,29-34) mostra a instrumentalização do ser humano, o outro é um meio para atingirmos um fim, não nos importamos que o outro seja o nosso irmão, o que importa é aquilo que nós queremos, aquilo que mais desejamos. Se através da manipulação conseguimos obter que queremos, o outro será um mero peão nas nossas mãos, um brinquedo, um meio para atingirmos um fim e não um fim em si mesmo.

Outra narrativa bíblica que podemos citar é a história de José e dos seus irmãos (Gn 37,12-36). Nesta história a inveja e a vingança tomam conta dos irmãos de José. Podemos referir que os sentimentos são idênticos aos de Caim. Assim, aquele que brilha mais tem que ser aniquilado, neste caso, não pela morte, porque eram irmãos, da mesma família, da mesma carne, mas sendo vendido. Vender um ser humano é um ato indigno, o ser humano não tem preço, não podemos, ou melhor, não devemos vender nem comprar. A verdade é que, hoje em dia e desde sempre, o ser humano viu no outro uma fonte de rendimento, um objeto que, não devendo, pode trazer lucro.

Dito isto, podemos perguntar: Como falar em fraternidade num mundo cheio de atentados à dignidade humana, num mundo onde um irmão mata, manipula ou vende outro irmão? Estas narrativas bíblicas descrevem a natureza humana com as suas virtudes e vicissitudes, com aquilo que de melhor e de pior temos. Parece-nos que a fraternidade é negada todos os dias e que continua a ser difícil instaurar-se, plenamente, no coração do ser humano. Todas as vivências desumanas como “as desavenças, as invejas, as mesquinhas questões, os conflitos ridículos, os cortes de relação, o fratricídio até (Caim e Abel não eram irmãos?) não respeitam os laços fraternais, facto que não as anula, apenas torna mais nítida a exigência desta fraternidade ser vivida em caridade”¹⁹. Parece-nos, então, que a resposta está no amor que tudo vence, mesmo a morte, e que é capaz de “levar de vencida os obstáculos que nos impedem de reconhecer e de viver a fraternidade”²⁰. A verdade é que somos humanos e, por isso, imperfeitos, caminhando, todos os dias, para a construção de um mundo melhor, porque sabemos que esse momento ainda não chegou.

¹⁹ W. Osswald, “Solidariedade, fraternidade, política: as questões nem sempre fáceis”, *Humanística e Teologia* 26 (2005): 61.

²⁰ *Ibidem*.

1.2.2. Fraternidade e Evangelho

No Evangelho é-nos revelado que somos todos filhos do mesmo Pai e, por conseguinte, irmãos uns dos outros. Convém referir que a fraternidade “não advém apenas da paternidade comum (filhos do mesmo Pai) mas também de sermos irmãos do mesmo Jesus (...) que é o primogénito entre muitos irmãos (...)”²¹. Ao longo de todo o Evangelho palpita esta certeza, como se o coração do próprio Evangelho fosse o facto de sermos todos irmãos. Quando os discípulos pediram a Jesus que os ensinasse a rezar, Jesus disse-lhes: “Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome, venha o teu Reino; dá-nos o nosso pão de cada dia; perdoa os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo aquele que nos ofende; e não nos deixes cair em tentação.” (Lc 11,2-4). Nesta passagem Jesus Cristo reforça a ideia de que se Deus é Pai, somos todos seus filhos e, por conseguinte, todos irmãos.

A base da relação fraterna assenta no amor que cada um de nós deve nutrir pelos outros. Se é verdade que Deus nos criou num rasgo de amor e se nós fomos criados à Sua imagem e semelhança, somos, também, seres de amor. A mensagem de Jesus centra-se, também, no amor incondicional. Assim, Jesus apresenta-nos um Mandamento Novo: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Por isso todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,34-35). Mas o que nos traz de novo este mandamento? A verdade é que no Antigo Testamento podemos ler: “Não te vingará nem guardarás rancor aos filhos do teu povo, mas amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19,18). Quando perguntaram a Jesus Cristo qual era o maior mandamento da lei Ele citou esta passagem do Antigo Testamento:

“Mestre, qual é o maior mandamento da Lei? Jesus disse-lhe: Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos depende a Lei dos Profetas.” (Mt 22, 34-40)

Então, o que nos traz de novo o mandamento de Jesus Cristo? A resposta é a encarnação. Podemos dizer que a encarnação do Verbo numa natureza humana individual, traduz numa encarnação em toda a Humanidade²² “e o Verbo fez-se homem e veio habitar

²¹ *Ibidem*.

²² Cf. Louis Evely, *Fraternidade y Evangelio* (Ediciones Sígueme: Salamanca, 1966), 85.

conosco” (Jo 1,14). Deus vive, desde esse momento, em cada um de nós e espera ser reconhecido e amado em todos e por todos. Mas, muitas vezes isso não acontece, muitas vezes não somos capazes de ver no rosto do outro, o rosto de Deus. Amamos a Deus com todo o nosso fervor, disso não temos dúvidas. Mas amamos da mesma forma o nosso próximo? Deus está presente no outro, mas, muitas vezes recusamo-nos a reconhecê-Lo.

A maior verdade da fé cristã, o maior mandamento cristão, a maior novidade do Evangelho é que a caridade fraterna fez-se caridade teologal, que o próximo é Deus colocado ao alcance do nosso amor.²³ Deus faz-se presente para que o ser humano possa, verdadeiramente, experimentar, por si mesmo, se o amor que sente por Deus é uma espécie de nostalgia ou se tem amor e entrega sincera.²⁴ Assim, se o que nos move não é uma mera devoção, é possível ver a conversão do mundo pelo facto de nos amarmos uns aos outros. A grande verdade do Cristianismo é saber que na fraternidade estamos tão próximos de Deus como do nosso próximo. Não podemos estar perto de Deus se não estamos perto dos outros, uma vez que, Deus é o teu próximo, “ao alcance da tua mão, ao alcance do teu amor”²⁵.

Sabemos que a forma que Jesus Cristo tinha de dar a conhecer o Evangelho era através de parábolas. A parábola do Juízo Final mostra-nos Deus encarnado, não apenas em Jesus, mas no outro, em toda a humanidade.

“Quando o Filho do Homem vier na sua glória, acompanhado por todos os seus anjos, há-de sentar-se no seu trono de glória. Perante Ele, vão reunir-se todos os povos e Ele separará as pessoas umas das outras, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. À sua direita porá as ovelhas e à sua esquerda, os cabritos.

O Rei dirá então aos da sua direita: ‘Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-me de comer, porque tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhastes-me, estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo.’

Então, os justos vão responder-lhes: ‘Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos peregrino e te recolhemos, ou nu e te vestimos? E quando te vimos doente ou na prisão, e fomos visitar-te?’ E o Rei vai dizer-lhes, em resposta: ‘Em verdade vos digo: Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes.’ (Mt 25,31-43)

²³ Cf. Louis Evely, *Fraternidade y Evangelio*, 87.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ *Ibidem*, 90. A tradução é da minha responsabilidade.

Nesta passagem bíblica Jesus apresenta os mais pequeninos, ou seja, os mais desprotegidos, como sendo seus irmãos e aquilo que lhes fizemos estamos a fazer ao próprio Deus. Novamente a ideia de encarnação onde Jesus nos mostra que amar o próximo é amar a Deus. Se quisermos efetivamente amar a Deus teremos, necessariamente, que amar o próximo. A novidade que Jesus introduz, quando lhe perguntam qual é o maior mandamento, é que o primeiro e o segundo são um só. Ao longo de todo o Evangelho Jesus Cristo foi dando pistas, foi deixando sinais que remetem para a ideia de encarnação: “Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos” (Mt 28,20). Esta presença de Jesus não é meramente espiritual, não pode esgotar-se numa ideia que nos consola nos momentos difíceis. Quando Deus encarnou, encarnou em nós, quando Jesus ressuscitou, ressuscitou em nós. Esta é a grande mensagem do Evangelho. “A nossa religião não é uma religião de ausência de Deus, mas sim, da sua presença entre nós, a religião da sua presença real”²⁶.

Podemos, então, concluir que amar a Deus sobre todas as coisas é amar o nosso próximo, o nosso irmão. Mas, o que significa amar o nosso irmão? Será ajudar, dar de comer, dar de beber? Mas Deus não disse para ajudarmos, para darmos de comer ou de beber. Ele disse-nos para nos amarmos. O que significa, então, amar? Amar um ser é esperar sempre dele algo melhor.²⁷ Quando Jesus Cristo ia ao encontro das pessoas ia com amor e não com juízos preconcebidos. Não as julgava e esperava delas aquilo que ainda ninguém tinha esperado: que descobrissem o verdadeiro amor. E o verdadeiro amor é Deus. Mas, somos capazes de apresentar ao mundo um rosto de amor, de irmandade profunda, um rosto filial e fraterno? Somos, verdadeiramente, capazes de ver, no rosto do outro, Deus? Essa é uma tarefa difícil e trabalhosa: amar o próximo como a nós mesmos. Por que razão temos, ainda, tanta dificuldade em aceitar a encarnação de Deus no ser humano? Talvez porque nos é difícil de ver, verdadeiramente, aquilo que os outros são. Porque nos é difícil deixar de lado os preconceitos e os julgamentos. Porque, por vezes, o ser humano comporta-se de tal forma que questionamos se dentro dele habita o amor. Porque o ser humano esqueceu-se de quem é.

1.3.3. Quem é o meu próximo?

A caridade funda-se no amor ao outro, ao próximo. Mas, quem é o meu próximo? A quem podemos chamar de irmão? O Papa Francisco apresenta o exemplo da parábola do

²⁶ *Ibidem*, 93. A tradução é da minha responsabilidade.

²⁷ Cf. *Ibidem*, 96.

Bom Samaritano (Lc 10,25-37) e refere, também, que devemos primeiro “começar por reconhecer o outro como próximo, quer dizer tornarmo-nos próximos”²⁸. Esta visão assenta na ideia de ver o outro sempre como um fim e nunca como um meio.

“Quer dizer, não se pode dar valor, reconhecer o outro pelo que possa dar-me, pelo que possa servir-me. Nem tão-pouco pela sua atitude social, nem pela sua produtividade económica. Tudo isso seria tomá-lo como meio para outra coisa. Considerá-lo sempre como um fim é reconhecer que todo o ser humano, só por esse facto, é meu semelhante, meu próximo. Não meu concorrente, meu inimigo, meu potencial agressor”²⁹.

Mas, é difícil vermos no outro, que não conhecemos, que não sabemos quem é, não uma ameaça, mas sim um irmão. Por que nos devemos importar por quem não conhecemos, por que nos devemos aproximar dele? Por que só assim nos constituímos como pessoa, só assim, podemos considerarmo-nos como próximo, como alguém, como um ser humano, um filho de Deus. Com a parábola do Bom Samaritano Jesus “inverte o raciocínio: não se trata de reconhecer o outro como semelhante, mas de nos reconhecermos a nós próprios como capazes de ser semelhantes”³⁰. Podemos concluir, então, que todo o ser humano é irmão e fazermo-nos próximos é a condição de possibilidade da nossa humanidade. Este amor pessoal, pelo outro, cara a cara, é fundamental para que o ser humano seja, efetivamente, humano. Para o Papa Francisco trata-se de uma verdade que deve ser vivida e aperfeiçoada todos os dias da nossa vida. Reconhecer, todos os dias, que o outro é digno do nosso amor.

A verdade é que este amor não se funda no idílico, mas no concreto, sabendo que cada um de nós tem defeitos, limitações e maldades. Identificar essas vicissitudes no ser humano, no outro, é fundamental para podermos “desenvolver um amor que seja, em concreto, aceitação, reconhecimento, promoção, serviço e dom”³¹. Não basta só dizer que amamos o nosso próximo como a nós mesmo, é preciso pôr em prática este ensinamento. O Papa Francisco propõe-nos um exercício de autorreflexão onde cada um de nós, todos os dias, deve interrogar-se sobre o que deve fazer para amar, efetivamente, o seu próximo. Que sementes vamos lançar para podermos amar o nosso próximo? Não podemos descorar que as sementes que vamos lançar dão frutos que posteriormente serão colhidos. Devemos, deste modo, ter consciência dos frutos que queremos colher: um mundo mais fraterno ou

²⁸ Papa Francisco, *O verdadeiro poder é servir* (Amadora: Nascente, 2013), 108.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ *Ibidem*, 109.

³¹ *Ibidem*, 110.

um mundo dividido pelo ódio? O Papa Francisco propõe o amor como tarefa diária, “porque assim são os seres humanos: sempre trabalhando para poder ser o que desde o princípio somos...”³². E desde o princípio somos criaturas criadas à imagem e semelhança de Deus, capazes de amar, incondicionalmente, todas as outras criaturas, porque no fundo, no princípio, todos somos iguais e descendemos no mesmo Pai com Jesus Cristo por irmão.

Contudo, refere o Papa Francisco, este amor ao próximo não se pode esgotar no aqui e agora, não pode ser visto, unicamente, como uma resposta a uma necessidade do nosso irmão, sob pena de se converter numa forma de satisfazer uma necessidade pessoal de exibicionismo ou de autorredenção. Este amor tem de ser desinteressado, puro, independente daquilo que vamos ganhar. Se pensarmos naquilo que vamos ganhar estamos a instrumentalizar o outro, estamos a seguir um interesse, que em nada nos dignifica. Não devemos fazê-lo para sermos recompensados na vida eterna, não devemos fazê-lo porque queremos a redenção dos nossos pecados. Devemos fazê-lo sim, única e exclusivamente, porque é nosso dever enquanto pessoas.

2. Síntese do capítulo

Neste primeiro capítulo abordamos o conceito de fraternidade. Não somos idílicos ao ponto de referir que, uma vez que somos todos irmãos, filhos do mesmo Pai, vivemos todos em harmonia e em paz. A vivência entre irmãos é desafiadora, como no exemplo de Esaú e Jacob, por vezes desumana, como no caso de José e dos seus irmãos e, também, trágica como no caso de Caim e Abel. Mas estes exemplos não provam que não existe fraternidade, pelo contrário, levam-nos a lutar por ela. Fazem-nos pensar que o ser humano tem algo mais, algo que o distancia de todas as outras criaturas: tem a marca de Deus, tem a Sua encarnação. Deus ama-nos tanto que encarnou em nós. Assim, o nosso próximo é Deus e por ele nos constituímos enquanto pessoa. Somos todos irmãos e, por isso, responsáveis uns pelos outros. É porque existe um outro, um próximo, que nos relacionamos com Deus e nos tornamos pessoas. Só nos tornamos naquilo que verdadeiramente somos, Deus encarnado, pela relação com o outro mediada pelo amor.

No entanto, as relações humanas são vulneráveis, podem ser feridas. Muitos dos comportamentos humanos são egoístas e baseados num consumismo que parece não ter fim. Consumimos o outro, consumimos as outras criaturas, consumimos todo o Planeta e os seus recursos. Não olhamos a meios para satisfazer os nossos desejos de mais e mais e

³² *Ibidem.*

cada vez mais. Egoísmo e consumismo andam de mãos dadas. Não pensamos nos outros, não pensamos nas consequências dos nossos atos, vivemos alienados servindo outros deuses: o dinheiro, o poder, o materialismo. É este o nosso paradigma atual que arrasta consigo um conjunto de problemas ambientais e humanos. A crise ecológica não pode ser mais vista, unicamente, numa dimensão ambiental. Tudo está interligado, todo o ecossistema funciona em sinergia, tudo depende de tudo. O ser humano tem de abandonar a pretensão de que é rei e senhor do mundo e ocupar o seu verdadeiro lugar de cuidador de si, dos outros, de todas as criaturas não humanas, de todo o Planeta.

Assim, romper com este ciclo de egoísmo e de consumismo só é possível quando tomarmos consciência de que o ser humano é um ser de relação, um ser responsável por toda a criação de Deus. Esta tomada de consciência começa em cada um de nós e tem o alcance de mudar o mundo. O apelo a todas as nações é lançado e todos devem responder com a certeza de que é possível construir um mundo mais fraterno.

CAPÍTULO II – OS DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO MAIS FRATERO

Após clarificarmos o conceito de fraternidade e apresentarmos os seus fundamentos é possível, neste capítulo, refletirmos sobre a necessidade de construir um mundo mais fraterno. Sabemos que o consumismo e o egoísmo, que regem as relações humanas atuais, ameaçam a convivência fraterna entre todas as criaturas. Mas o ser humano tem a capacidade de se envolver ativamente na mudança do paradigma atual. Assim, a responsabilidade para com toda a criação é o caminho a seguir para superarmos o egoísmo e o consumismo. Esta superação é possível, também, pelo perdão. Devemos ter consciência que o gesto de perdoar é libertador para quem comete a falta e para quem a sofre. Muitas das nossas faltas têm por base o sentimento de indiferença que sentimos pelo outro. Mas, o ser humano não pode viver na indiferença perante o outro. O rosto do outro é o rosto de Deus que nos interpela e perante essa interpelação devemos responder com amor. Assim, é na relação com o outro que o ser humano se torna naquilo que verdadeiramente é: pessoa. De referir, também, o papel das nações na construção de um mundo mais fraterno. Através de um esforço conjunto é possível uma efetiva mudança de paradigma, numa preocupação com uma ecologia integral que não deixa de fora nenhum aspeto da vida humana. O desafio é lançado a todos: O que é que eu posso fazer para construir um mundo mais fraterno?

1. Carta Encíclica *Laudato Si'* – sobre o cuidado da casa comum: do egoísmo e do consumismo à ecologia integral

Na Carta Encíclica *Laudato Si'* – sobre o cuidado da casa comum, o Papa Francisco dirige-se a todos nós e dialoga sobre a importância de habitarmos, de forma fraterna, a nossa casa comum, com a qual partilhamos a existência.³³ Assim, o Papa Francisco refere-se à Terra como sendo nossa irmã ou nossa mãe, identificando-se com o pensamento de São Francisco de Assis. Se partimos da ideia de que o mundo, sendo criação de Deus, é, também, uma criatura, tal como nós, podemos concluir que é nossa irmã. Mas, durante muitos séculos o ser humano viu na Terra uma fonte inesgotável de bens que existiam para o satisfazer, “crescemos a pensar que éramos seus proprietários e

³³ Cf. Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si'* – sobre o cuidado da casa comum, §1.

dominadores, autorizados a saqueá-la”³⁴. Não tínhamos, ainda, compreendido a ligação que existe entre todas as criaturas e o seu Criador. Não tínhamos, também, tomado consciência de que os problemas ecológicos são mais abrangentes, englobam tudo e todos, não se ficam pela simples defesa do Planeta, mas sim, pela salvaguarda de toda a humanidade, de toda a Criação. A defesa do meio ambiente implica e engloba os problemas da degradação ecológica, da fome no mundo, da qualidade de vida, da insegurança e da paz entre todos os povos.³⁵ Todos estes acontecimentos levam à vulnerabilidade dos laços fraternos entre os povos. O consumo exacerbado do ser humano, a cultura do descarte, a teia económica que enreda tudo e todos leva a uma saturação da Terra e das relações humanas. Como podemos falar em fraternidade, em partilha, em igualdade, quando um pequeno grupo detém o poder e absorve para si todos os bens da natureza? Como podemos falar em união fraterna entre os povos quando uns exploram os outros? Como podemos defender a ideia de que todas as criaturas são irmãs quando o ser humano não tem qualquer respeito pela Terra, devorando-a sem remorsos?

Hoje em dia, o problema ambiental não é só científico, técnico e político mas, também, cultural, ético e religioso. A crise ecológica está intimamente ligada com as questões da justiça, da igualdade, dos direitos humanos e do respeito pelo mundo natural.³⁶ Trata-se uma visão ética e religiosa do problema que o Papa Francisco aborda na Carta Encíclica *Laudato Si’ – sobre o cuidado da casa comum*. No capítulo IV aborda o tema da ecologia integral, considerando que “tudo está intimamente relacionado e que os problemas atuais requerem um olhar que tenha em atenção todos os aspetos da crise mundial”³⁷.

“Nós estamos a viver um momento de crise; vemo-lo no ambiente, mas sobretudo no homem. A pessoa humana está em perigo. Isto é verdade, a pessoa humana, hoje, está em perigo, daí a urgência da ecologia humana! E o perigo é grave, porque a causa do problema não é superficial, mas profunda: não é apenas uma questão de economia, mas de ética e de antropologia. Aquilo que hoje manda não é o homem, mas o dinheiro. O dinheiro é que manda. E Deus, nosso Pai, confiou-nos a nós, e não ao dinheiro, a missão de guardar a Terra... a nós: aos homens e às mulheres”³⁸.

³⁴ *Ibidem*, §2.

³⁵ Cf. José Antonio Merino, “Ecología y fraternidade global”, *Didaskalia* volumen XLVI (2016): 102.

³⁶ *Ibidem*, 102

³⁷ Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si’ – sobre o cuidado da casa comum*, §137.

³⁸ Papa Francisco, *Quem sou eu para julgar?* (Amadora: Nascente, 2017), 226.

A crise que hoje afeta a humanidade é uma crise socioambiental cuja solução passa por uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e cuidar da natureza.³⁹ Perante o paradigma tecnocrático, que domina a sociedade contemporânea, o Papa Francisco contrapõe com o paradigma da ecologia integral. Dela fazem parte a ecologia ambiental, económica e social, a ecologia cultural e a ecologia da vida quotidiana, referindo-se, neste ponto, à ecologia humana. Embora todas estas dimensões sejam importantes, apresentamos, unicamente, algumas ideias sobre a ecologia humana que consideramos pertinentes para o tema que estamos a abordar.

Uma primeira ideia sobre a ecologia humana centra-se na questão da humanização. Por vezes, o ser humano vive em espaços degradados, deteriorados e cheios de limitações. A sobrevivência só é possível graças aos laços de boa vizinhança que o ser humano cria entre os seus pares.⁴⁰ O ambiente onde estamos inseridos molda a nossa personalidade e leva-nos a agir de determinada forma. Assim, alguns ambientes, privados de harmonia e de integração, podem levar as pessoas a comportamentos antissociais, violentos e desumanos. O outro será instrumentalizado, utilizado para satisfazer as minhas necessidades e o meu desejo de poder e riqueza. Mas, nas mesmas circunstâncias, outras pessoas são capazes de ter um comportamento totalmente diferente, um comportamento que não explora o outro, mas que o dignifica. Nesta forma de agir o ser humano quebra as barreiras do egoísmo e do consumismo. Levado pelo amor é capaz de tecer laços de pertença comunitária, verdadeiros laços fraternos.⁴¹ Com esta mudança de atitude é possível criar ambientes dignificantes, onde o ser humano deixa de ser escravo, deixa de ser dominado e manipulado.⁴² O ser humano deve ser visto como um todo e o seu corpo, que por vezes é sujeito a comportamentos degradantes e desumanos, deve ser entendido como dom de Deus. Se Deus tudo cria, todos os seres são dom de Deus. Assim, da mesma forma que não podemos dominar o outro ser humano, porque é dom de Deus, também, não podemos dominar todos os outros elementos da criação. Se cuidamos do nosso corpo e aceitamos que há diferença no ser humano, pois só assim é possível a relação, devemos, também, cuidar e aceitar a diferença que existe em toda a Criação de Deus.⁴³ Deste modo, o ser humano caminha para o bem comum que “pressupõe o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu

³⁹ Cf. Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si'* – sobre o cuidado da casa comum, §139.

⁴⁰ Cf. *Ibidem*, §148.

⁴¹ Cf. *Ibidem*, §149.

⁴² Cf. *Ibidem* §155.

⁴³ Cf. *Ibidem*.

desenvolvimento integral”⁴⁴. Mas, não devemos esquecer que o desenvolvimento integral do ser humano só é possível com a tomada de consciência de que é uma criatura como as outras. Como tal, a sua sobrevivência depende das relações de reciprocidade que tem com toda a Criação, pois uns não vivem sem os outros. Para que esta relação cresça e dê frutos é necessário que o ser humano ponha de lado o seu egoísmo e viva com sobriedade deixando de consumir aquilo de que não precisa e voltando-se para o que verdadeiramente importa: as relações humanas, fraternas, baseadas no amor incondicional de Deus.

2. A responsabilidade pelo outro e por toda a Criação como possibilidade de superação do egoísmo e do consumismo

Para abordarmos a questão da responsabilidade analisaremos, novamente, a história bíblica de Caim e Abel. Como já foi referido, o âmago deste texto é a pergunta que Deus faz a Caim e a resposta que ele lhe dá. Deus questiona Caim: “‘Onde está o teu irmão Abel? Caim respondeu: ‘Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?’” (Gn 4,9). Com esta pergunta Deus não pretende saber o que aconteceu a Abel, mas sim, interpelar Caim no sentido de o responsabilizar pelo seu irmão. No entanto, a atitude de Caim foi contrária à intenção de Deus. Mas, ser *guarda do meu irmão* não é um imperativo que se exige de um irmão? Assim, podemos referir que neste texto é apresentado o imperativo que constituiu a identidade humana, ou seja, o imperativo da responsabilidade pelo outro.⁴⁵ Somos responsáveis pelo outro, respondentes ao outro, respondemos à interpelação que ele nos dirige.⁴⁶ Esta interpelação só é possível porque o ser humano é um ser de relação. No entanto, para que possa haver relação tem de haver diferença. Quando nos referimos à igualdade inerente à fraternidade não nos referimos à igualdade da in-diferença, mas sim, à igualdade da não in-diferença, ou seja, da diferença.⁴⁷ As diferenças não podem ser vistas como origem de violência, mas sim, como condição de relação responsável. Quando Deus cria o ser humano cria a diferença “Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher” (Gn 1,27). Deus não cria só o homem ou só a mulher, Deus cria ambos, porque o ser humano é um ser relacional e tem que se relacionar com outros seres humanos “Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-

⁴⁴ *Ibidem*, §157.

⁴⁵ Cf. João Duque, “Fraternidade originária: da violência mimética à responsabilidade pelo outro” *Forma Breve* 12 (2015):75.

⁴⁶ Cf. João Duque “Do sentimento de si ao sentimento do Outro”, *Theologica* 2.ª Série 46 (2011): 22.

⁴⁷ Cf. João Duque, “Fraternidade originária: da violência mimética à responsabilidade pelo outro”: 76.

lhe uma auxiliar semelhante a ele” (Gn 2,18). Assim, tudo o que Deus cria é bom, sendo a diferença, também, algo bom.

Deste modo, o outro, o estrangeiro será sempre nosso irmão e, por conseguinte, cada um de nós é insubstituivelmente responsável por ele. E não foi exatamente isso que sentiu o Samaritano quando viu o homem caído no chão? (Lc 10,25-37). O outro era um estrangeiro, um outro que interpelou o Samaritano. Perante as interpelações podemos responder como ele ou como o sacerdote e o levita, mas, a liberdade da nossa resposta não invalida o facto do outro nos interpelar.⁴⁸ Podemos virar as costas, seguir caminho ou, tal como o Samaritano, movermo-nos de íntima compaixão.

A compaixão é entendida como um sentimento de pesar que em nós desperta o sofrimento do outro.⁴⁹ Assim, implica “solidariedade no sofrimento, na medida em que um ser humano é capaz de sofrer com o sofrimento do outro”⁵⁰. Sendo responsável pelo outro somos, de certa forma, responsáveis pelo seu sofrimento e, também, responsáveis pela superação desse sofrimento. Qualquer um que mate uma pessoa é como se tivesse matado toda a humanidade e quem quer que salve uma pessoa é como se tivesse salvo toda a humanidade⁵¹. Deste modo, pelo sentimento de compaixão somos impelidos a deixar o nosso egoísmo.

“O colocar-se no lugar do outro, assumindo o seu sofrimento – a sua paixão – em seu lugar é, sem dúvida, o modo extremo de paixão pelo outro, enquanto sofrimento pelo outro, enquanto amor pelo outro, sem distinção das dimensões. É o modo mais profundo da passagem do sentimento de si para o sentimento do outro, na paixão, é o modo mais excelso de compaixão; de compaixão pelo outro, como tal, sem acepção – até pelo inimigo”⁵².

Mas como ter compaixão pelo nosso inimigo? Por que razão devemos perdoar a quem nos faz mal, a quem nos magoa e maltrata? De facto, é fácil amar quem nos ama, amar o sofredor, amar aquele que precisa de nós ou amar aqueles de quem precisamos. Mas, amar o inimigo é bem mais difícil.

No entanto, na oração do Pai Nosso pedimos a Deus que perdoe os nossos ofensas assim como nós perdoamos a quem no tem ofendido. Todo o ser humano tem tanto de

⁴⁸ Cf. João Duque “Do sentimento de si ao sentimento do Outro”: 23.

⁴⁹ Cf. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, volume 2 (Editorial Confluência/Livros Horizonte: Matosinhos, 2002).

⁵⁰ João Duque “Do sentimento de si ao sentimento do Outro”: 28.

⁵¹ Cf. Papa Francisco e Ahmed Al-Tayyeb, Documento sobre *A Fraternidade Humana em prol da paz mundial e da convivência comum*.

⁵² João Duque “Do sentimento de si ao sentimento do Outro”: 29.

santo como de pecador, somos seres finitos, limitados e imperfeitos, seguimos as nossas paixões e desejos que muitas vezes não controlamos. Temos a consciência de que, por vezes, agimos de forma errada e causamos dor e sofrimento aos outros. Nessas situações abrimos o nosso coração e pedimos perdão pelos nossos atos.

“A consciência permite assumir a responsabilidade dos actos praticados. Se o homem comete o mal, o justo juízo da consciência pode ser nele testemunha da verdade universal do bem e, ao mesmo tempo, da maldade da sua opção individual. O veredito do juízo da consciência continua a ser um penhor de esperança e de misericórdia. Atestando a falta cometida, lembra o perdão a pedir, o bem a praticar e a virtude a cultivar incessantemente com a graça de Deus”⁵³.

Assim, esperamos que o outro nos perdoe. Se queremos que os outros nos perdoem, devemos, perdoar, também. Devemos ser recíprocos no perdão. Não faz sentido sermos unilaterais, não faz sentido acharmos que só nós o merecemos e os outros não. Se o arrependimento é verdadeiro, se a falta é reconhecida, se apelam ao nosso amor fraterno, como podemos fechar as portas ao perdão? A Regra de Ouro do Cristianismo diz-nos que “o que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho vós também” (Lc 6,31). Assim, esta regra, enunciada pela positiva, não nos diz para não fazermos aos outros aquilo que não queremos que os outros nos façam. Diz-nos, sim, para fazermos o que gostaríamos que nos fizessem. E não queremos nós o perdão das nossas faltas? Promover o valor do perdão nas relações humanas, na construção de um mundo mais fraterno, será um dos aspetos abordados com os alunos na Unidade Letiva por nós trabalhada. Com efeito, devemos despertar nos mais jovens esta capacidade de sentir, com o outro, a sua dor, de compreender que o gesto de perdoar pode ser libertador para ambos, que o perdão deve fazer parte da construção de um mundo mais fraterno.

Não podemos deixar de referir a responsabilidade que todo o ser humano tem, também, para com todas as criaturas não humanas. A verdade é que Deus Criador cria tudo o que existe e coloca à disposição do ser humano.

“Abençoando-os Deus disse-lhes: ‘Crescei e multiplicai-vos, enchei e submetei a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra.’ Deus disse: ‘Também vos dou todas as ervas com sementes que existem à superfície da terra, assim como todas as árvores de fruto com sementes para que vos sirvam de alimento’.” (Gn 1,28-29)

⁵³ *Catecismo da Igreja Católica*, (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993), n.º 1781.

Com estas palavras Deus coloca nas mãos do ser humano o bens da terra, Deus confia a Sua criação para que o ser humano possa dar-lhe continuidade. O ser humano é chamado a “participar na Providência divina em relação às outras criaturas”⁵⁴. Somos administradores, temos responsabilidade para com o mundo que Deus nos confiou. Esta soberania do ser humano perante os outros elementos da criação não pode, então, ser vista como um domínio arbitrário e destruidor. Deus confiou-nos o governo do mundo, confia que, porque somos Sua imagem e semelhança, vamos continuar a construir um mundo de amor. O facto de a natureza estar à nossa disposição não significa que somos seus donos, “somos guardiões e não donos”⁵⁵. A verdade é que muitas vezes somos guiados pelos sentimentos de posse, de domínio, de manipulação e exploração, não fazemos o que nos foi confiado, ou seja, não guardamos a Terra, não a consideramos dom gratuito que devemos cuidar.⁵⁶ Assim, a responsabilidade é de todos para com todos, de nós para com o nosso próximo, de nós para com as outras criaturas não humanas, de nós para com todos os elementos da Criação. Tudo é relação, porque tudo é fruto do amor incondicional de Deus Criador. Deus cria um mundo onde habitam seres distintos e diversos, seres que estabelecem, entre si, relações fraternas, por isso, cada um de nós é responsável pelo seu próximo que, em última instância, é toda a Criação.

É, então, na dimensão relacional do reconhecimento do outro como um ser diferente de mim, do qual eu sou responsável, que a fraternidade se configura. Somos irmãos, responsáveis uns pelos outros. Como irmãos temos a mesma filiação e, por conseguinte, somos iguais aos olhos de Deus. Todos somos criaturas que habitam um mesmo espaço. Assim, esta responsabilidade não se esgota, unicamente, nas relações humanas, mas estende-se a todos os elementos da Criação. O egoísmo e o consumismo humano prejudicam todos os seres, incluindo a Terra que, de dia para dia, é devorada pelos interesses capitalistas do ser humano. Urge a necessidade de um apelo consciente a todos os povos para que a mudança ocorra o quanto antes.

⁵⁴ *Ibidem*, n.º 373.

⁵⁵ Papa Francisco, *O verdadeiro poder é servir*, 223.

⁵⁶ Cf. *Ibidem*.

3. A construção de mundo fraterno como imperativo de todas as nações: análise do documento sobre *A Fraternidade Humana em prol da paz mundial e da convivência comum*

A construção de um mundo mais fraterno é um tópico que abordamos, com os alunos, no final da Unidade Letiva. É pedido aos alunos que indiquem formas de se comprometerem com essa construção, promovendo o bem comum e o cuidado do outro. Espera-se que, com este exercício, os alunos reflitam sobre o que podem fazer para tornar a convivência, entre todas as criaturas, o mais harmoniosa e fraterna possível. Espera-se que se sintam responsáveis pela mudança e que compreendam que, embora se trata de um pequeno gesto, tem um grande valor. No entanto, esta responsabilidade não pode cingir-se, unicamente, aos seres humanos anônimos, mas deve ser alargada as nações. Todas as nações têm o dever de fomentar a construção de um mundo mais fraterno.

Assim, a responsabilidade para com o outro deve alargar-se e aplicar-se no plano internacional. Só assim podemos falar na construção, efetiva, de um mundo mais fraterno. Existe um fosso crescente entre as nações: de um lado as que detêm a riqueza, do outro, as que acumulam dívidas.⁵⁷ Parece-nos, então, que as nações mais ricas têm a responsabilidade moral de ajudar as menos afortunadas a assegurar os meios para o seu desenvolvimento. Através de uma efetiva preocupação pelo sentido de justiça, através do diálogo sincero e aberto entre as nações, é possível a construção de um mundo mais fraterno, ou seja, o desenvolvimento completo da sociedade humana.

Da viagem Apostólica do Papa Francisco aos Emirados Árabes Unidos (3-5 de fevereiro de 2019) nasceu o documento sobre *A Fraternidade Humana em prol da paz mundial e da convivência comum*. Neste documento, o Papa Francisco e o Grão Imame de Al-Azhar Ahmad Al-Tayyeb apresentam as linhas orientadoras para a convivência fraterna entre todos os povos, exortando à união e ao trabalho conjunto, à cultura do respeito mútuo e à compreensão da graça divina que torna todos os seres humanos irmãos.⁵⁸

A verdade é que ainda estamos muito longe de afirmar, com toda a certeza, que o que nos une são laços fraternos. Em todo o mundo continuam a existir relações de domínio, opressão, violência e ódio. Parece que nos esquecemos de quem somos, do que somos, filhos de Deus, e vivemos segundo outros deuses (dinheiro e poder) que nos hipnotizam ao ponto de deixarmos de sentir. O ser humano vive num profundo

⁵⁷ *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 2437.

⁵⁸ Cf. Papa Francisco e Ahmed Al-Tayyeb, documento sobre *A Fraternidade Humana em prol da paz mundial e da convivência comum*.

individualismo e materialismo, vive alienado e afastado dos valores religiosos.⁵⁹ Os valores que, neste momento, o ser humano segue são valores mundanos e materiais. Deste modo, é urgente a redescoberta dos valores da paz, da justiça, do bem, da beleza, da fraternidade humana e da convivência comum como âncoras de salvação.⁶⁰ A debilidade destes valores levam ao enfraquecimento do nosso sentido de responsabilidade. Se não nos sentimos responsáveis por nós mesmos, pelos outros, por toda a Criação, não conseguimos mudar o rumo da História e contribuir para a criação de um mundo mais fraterno.

Não se pode negar a importância dos avanços científicos e tecnológicos, mas, a verdade é que esses avanços levam à deterioração ética, ao enfraquecimento dos valores morais e do sentido de responsabilidade, conduzindo a uma crescente sensação de frustração, solidão e desespero.⁶¹ Perante este cenário, muitos são aqueles que abandonam a fé ou que optam por um fundamentalismo cego. Esta posição extremada da fé apresenta sinais de uma terceira guerra mundial aos pedaços, como refere o Papa Francisco.⁶² Trata-se de uma atitude cruel e desumana que vai deixando um rasto de destruição e acumulando vítimas inocentes.

Neste documento é abordada, também, a questão das crises políticas, onde, mais uma vez, é referido que existe uma injusta distribuição dos recursos naturais. Nos países menos desenvolvidos muitos são aqueles que morrem devido à escassez de alimentos e de medicamentos. E o que fazem as nações perante este cenário desolador? Nada, “reina um inaceitável silêncio internacional”⁶³. Mas este silêncio tem de ser quebrado, os lamentos dos inocentes têm de ser ouvidos. Para tal é necessário uma reeducação que começa no seio familiar. Por isso, é necessário que as famílias eduquem os seus filhos de forma a sensibilizá-los para estas problemáticas, proporcionando-lhes uma moral sólida e despertar-lhes o sentido religioso. Assim, as novas gerações serão capazes de enfrentar o individualismo, o egoísmo e o extremismo cego.⁶⁴ Serão elas os futuros líderes das nações que, sensibilizados para o outro, sairão em seu auxílio.

Nesta reeducação apela-se para o despertar do sentido religioso. A verdade é que todas as religiões devem manifestar-se e dar o seu contributo para a construção de um mundo mais fraterno, onde reine a paz duradoura. Todas as religiões têm como primeiro

⁵⁹ *Ibidem.*

⁶⁰ *Ibidem.*

⁶¹ *Ibidem.*

⁶² *Ibidem.*

⁶³ *Ibidem.*

⁶⁴ *Ibidem.*

objetivo crer em Deus, que é Criador, que tudo cria e nos concedeu o dom da vida para guardarmos. Assim, a vida é um dom sagrado que ninguém tem o direito de tirar, ameaçar ou manipular, pelo contrário, deve ser preservado. Devemos, então, condenar tudo o que põe em risco a vida do ser humano. Por isso, as religiões não podem ser usadas como pretexto para incitar à violência e ao derrame de sangue. A verdade é que o ser humano usa, muitas vezes, a religião como um meio para atingir um fim. Esse fim nada mais é do que a satisfação os seus interesses particulares, políticos e económicos.⁶⁵ Mas todos os que acreditam verdadeiramente em Deus e seguem os seus ensinamentos sabem que a verdadeira religião não apela ao ódio, mas sim, ao amor.

Para fomentar a paz fraterna entre todos os povos podemos destacar a importância do papel das religiões, bem como, a liberdade de credo, de expressão, de pensamento e de ação; a forte noção de justiça; o diálogo, a compreensão, a aceitação do outro, a convivência entre todos os seres humanos; a condenação de todas as formas e manifestações de terrorismo; a igualdade de direitos e de deveres de todos os seres humanos. Se conseguimos levar a cabo estas linhas orientadoras é possível alcançar os princípios que este documento defende: alcançar a paz universal para todas as pessoas nesta vida.⁶⁶

4. Síntese do capítulo

Neste segundo capítulo centramo-nos na temática dos desafios da construção de um mundo mais fraterno. Toda a Criação está, constantemente, ameaçada pelos desejos egoístas e consumistas do ser humano. Hoje em dia, a crise ecológica alastra-se e dá origem, também, a uma crise humana. Movido pelo poder de riqueza, o ser humano saqueia, não só o Planeta, mas o outro ser humano que está à sua frente. Não olha a meios para atingir os seus fins. Assim, deixamos de cuidar da Terra e do outro, deixamos de nos preocupar com o legado que vamos deixar às gerações futuras. Se tudo é Criação de Deus, somos todos irmãos e habitamos a mesma casa comum. É preciso que o ser humano tome consciência de que é responsável por toda a Criação. Deste modo, somos responsáveis pelo nosso irmão, somos responsáveis por todas as criaturas não humanas e somos responsáveis pelo Planeta. Com esta tomada de consciência, o ser humano é capaz de inverter o rumo da História e sarar as feridas originadas por toda uma cultura tecnocientífica. A humanidade ferida poderá sarar graças à responsabilidade, à compaixão e ao perdão. O ser humano,

⁶⁵ *Ibidem.*

⁶⁶ *Ibidem.*

criado à imagem de Deus, é amor e onde há amor há perdão. Todos somos chamados, todos devemos colocar os nossos talentos a render na construção de um mundo mais fraterno. E o que pode cada um de nós fazer? Olhar à volta e não ficar indiferente. A indiferença perante os acontecimentos atuais são o reflexo de uma sociedade movida por interesses egoístas e capitalistas. As nações fecham os olhos e não tomam as devidas medidas para que todos os povos possam viver com as necessidades básicas satisfeitas, com justiça e em paz. É fundamental que as vozes dos mais vulneráveis seja ouvida e é necessário a intervenção de todos para a construção de um mundo mais fraterno.

O primeiro e segundo capítulos possibilitaram a aquisição e clarificação de conceitos fundamentais para a lecionação da Unidade Letiva. Assim, munidos destes conhecimentos, podemos organizar os conteúdos de forma clara e simples, tendo em conta a idade dos alunos. Não podemos, também, esquecer que os objetivos devem estar em sintonia com as Aprendizagens Essenciais e com o Perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória.

O capítulo seguinte desenvolve uma pedagógica e didática da Unidade Letiva 4: Construir a Fraternidade, do 5.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico.

CAPÍTULO III – ABORDAGEM PEDAGÓGICA E DIDÁTICA DA UNIDADE
LETIVA 4: CONSTRUIR A FRATERNIDADE (5.º ANO – 2.º
CICLO DO ENSINO BÁSICO)

Após a fundamentação teórica sobre o conceito de fraternidade, bem como, da problemática referente aos desafios da construção de um mundo mais fraterno, que são os temas nucleares da Unidade a ser lecionada, neste terceiro capítulo apresentamos a abordagem pedagógica e didática para a leção da Unidade.

Primeiramente, procedemos à caracterização da escola e da turma. Em seguida, damos a conhecer os planos de aula propostos para a leção dos conteúdos, seguindo-se a narrativa de cada aula com referência às atividades desenvolvidas. Por fim, apresentamos a autoavaliação da PES.

1. Caracterização da escola e da turma

A caracterização da escola e da turma é importante para uma melhor compreensão do contexto onde vamos realizar a PES. Assim, é pertinente verificarmos alguns dados sobre a escola e a turma para, mais facilmente, planificarmos a Unidade Letiva e as aulas. De facto, uma perceção das características da turma permite-nos desenvolver atividades que vão ao encontro das suas necessidades, gostos e especificidades. Cada turma é um mundo e, deste modo, requer uma análise personalizada. Esta análise permite, ao docente, a utilização de estratégias de forma a atingir, com sucesso, os resultados propostos.

1.1. Caracterização da escola

A PES decorreu na Escola Básica Dr. Francisco Sanches que pertence ao Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches (AEFS), em Braga. O AEFS faz parte do imaginário da educação em Braga há mais de quatro décadas. Situa-se numa zona de grande dinâmica comercial, densamente habitada e paredes meias com o novo Hospital, o Parque das Sete Fontes e a Universidade do Minho. A escola sede, Escola Básica Dr. Francisco Sanches, é um exemplo de uma Escola moderna, com condições de excelência para o ensino em geral e para a prática desportiva em particular. O AEFS integra, para além da Escola Básica Dr. Francisco Sanches, mais seis estabelecimentos de educação e ensino: EB1 de S. Victor, EB1/Jardim de Infância das Enguardas, EB1/Jardim de Infância do Bairro da Alegria, EB1/jardim de Infância da Quinta da Veiga, EB1 do Bairro da

Misericórdia e Jardim de Infância da Quinta das Fontes. Cada estabelecimento de educação e ensino funciona em edifícios autónomos, mantendo a sua identidade e denominação próprias.⁶⁷

De referir que, as unidades educativas que pertencem ao AEFS, localizam-se na área de influência de duas freguesias com grande densidade populacional, onde existem bairros sociais. Deste modo, uma parte significativa dos alunos é oriunda de famílias que vivem em bairros sociais, com baixos recursos económicos, baixa escolarização dos pais/encarregados de educação e com fraco acesso a bens e serviços culturais. O contexto económico de grande parte das famílias dos alunos do AEFA sempre foi frágil, tendo sido agravado pelo período de crise económica dos últimos anos. Um dos indicadores que sustenta esta afirmação refere-se à percentagem de alunos que beneficia do apoio da Ação Social Escolar (ASE).

Tendo em conta o território social e economicamente vulnerável em que se circunscreve a comunidade escolar do AEFS foi, em 2009, definido como Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP). Em 2012, o AEFS celebrou, com o Ministério da Educação, um Contrato de Autonomia que se mantém em desenvolvimento. Tendo em conta, também, o facto de muitos alunos serem oriundos de outros países, no ano letivo 2017/2018, o AEFS passou a fazer parte da Rede de Escolas de Educação Intercultural (REEI). Assim, dentro da população estudantil do AEFS é possível identificar distintos grupos de alunos que requerem a definição de estratégias de inclusão e de aprendizagem, a saber: um grupo de famílias nacionais de países que não pertencem à União Europeia; um grupo de famílias nacionais de países pertencentes à União Europeia e um grupo de famílias de etnia cigana, na maioria falantes de português.⁶⁸

Outro indicador importante, para caracterizar o AEFS, prende-se com o número de alunos com Necessidades Educativas Especiais, abrangidos pelo revogado Decreto-Lei 3/2018. Assim, cerca de 5% dos alunos do AEFS encontram-se nesta situação e requerem particular atenção no que diz respeito ao processo de aprendizagem e inclusão. De referir, ainda, que um número significativo de alunos é acompanhado pelo Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF), no âmbito da psicologia e do serviço social, dando apoio aos

⁶⁷ Cf. *Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches de Braga*. Consultado a 25 de maio, 2019. http://www.aefranciscosanches.pt/01_Caraterizacao_agrupamento2019.pdf.

⁶⁸ Cf. *Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches de Braga*. Consultado a 25 de maio, 2019. http://www.aefranciscosanches.pt/Prejeto_Educativo_2019.pdf..

alunos e às famílias mais vulneráveis. No ano letivo 2017/2018 foram acompanhados pelo GAAF trezentos e trinta e quatro alunos perfazendo 20% dos alunos do AEFS.⁶⁹

1.2. Caracterização da turma

A turma escolhida para a realização da PES foi a turma 8 do 5.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico. A turma é composta por vinte e três alunos estando inscrito na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) dezoito alunos. A aula decorre à quinta-feira, ao primeiro tempo da manhã (8h20m às 9h15m). No que se refere aos alunos que frequentam a disciplina de EMRC, oito são meninos e dez são meninas; as idades dos alunos são compreendidas entre os dez e os onze anos; dois alunos são de etnia cigana, um aluno é oriundo de Angola, uma aluna é oriunda das Filipinas; duas alunas têm Medidas de Apoio à Inclusão; oito alunos têm escalão A e cinco alunos têm escalão B. Pelo que foi exposto podemos referir que se trata de uma turma que espelha as condições sócio, económicas e culturais descritas anteriormente.

Trabalhar a questão da fraternidade e da igual dignidade entre todos os elementos de Criação numa turma com estas nuances culturais, geográficas, económicas e individuais é uma experiência gratificante. O facto de ser uma turma tão heterogénea, em vários aspetos, faz com que, todos os dias, os alunos tenham de lidar com as particularidades de cada um. A verdade é que os discentes tratam-se, sempre, com respeito, mostrando-se unidos, solidários, participativos, amigos, interessados pelo outro o que resulta na construção de uma história gratificante.

1.3. Unidade Letiva 4 – Construir a fraternidade

No que se refere à planificação da Unidade Letiva 4 – Construir a fraternidade devemos referir que esta tem de ter presente as Aprendizagens Essenciais (AE), uma vez que AEFS está abrangido pelo Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular (PAFC). Assim, as AE são documentos de orientação curricular que servem de base à planificação, à realização e à avaliação do ensino e da aprendizagem, conducentes ao desenvolvimento das competências inscritas no Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória.⁷⁰

⁶⁹ Cf. *Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches de Braga*. Consultado a 25 de maio, 2019. http://www.aefranciscosanches.pt/Prejeto_Educativo_2019.pdf.

⁷⁰ Cf. *Direção Geral da Educação*, “Aprendizagens Essenciais”. Consultado a 5 de setembro, 2019. <http://dge.mec.pt/Aprendizagens-Essenciais>.

Relativamente ao Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória vamos indicar em que medida a lecionação desta Unidade pode contribuir para a formação integral do aluno. Em primeiro lugar, destacamos o princípio referente à base humanista que consideramos que é trabalhado nesta Unidade Letiva. Segundo este princípio a escola deve habilitar os jovens com saberes e valores para a construção de uma sociedade mais justa, centrada na pessoa, na dignidade humana e na ação sobre o mundo enquanto bem comum a preservar.⁷¹

Dando seguimento à análise do Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória verificamos, também, que o jovem deve ser um cidadão livre, autónomo, responsável e consciente de si próprio e do mundo que o rodeia e deve, também, ter respeito pela dignidade humana, rejeitando todas as formas de discriminação e de exclusão social.⁷²

No que concerne aos valores espera-se que os alunos se respeitem a si mesmo e aos outros; saibam agir eticamente, tenham consciência da obrigação de responder pelas próprias ações; ponderem as ações próprias e alheias em função do bem comum. Espera-se, também, que os alunos demonstrem respeito pela diversidade humana e cultural e ajam de acordo com os princípios dos direitos humanos.⁷³

Podemos afirmar que, a Unidade Letiva 4 – Construir a fraternidade, aborda temas que permitem trabalhar competências que vão ao encontro do Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória. De facto, toda a Unidade tem por base o respeito, a dignidade, os direitos humanos, a responsabilidade pelo outro e a construção de um mundo mais fraterno.

No que se refere às AE, no final da lecionação desta Unidade, o aluno dever ser capaz de: conhecer o conceito de fraternidade; reconhecer a Regra de Ouro do Cristianismo e de outras tradições religiosas; promover o valor do perdão nas relações interpessoais e comprometer-se na construção de um mundo fraterno que promove o bem comum e o cuidado do outro.⁷⁴

Para além das AE identificadas para cada Unidade Letiva é proposto, também, que ao longo do 5.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico, o aluno desenvolva um conjunto de competências específicas da disciplina de EMRC e transversais a várias Unidades Letivas e

⁷¹ Cf. *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Consultado a 5 de setembro, 2019. http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf.

⁷² Cf. *Ibidem*.

⁷³ Cf. *Ibidem*.

⁷⁴ Cf. *Direção Geral da Educação, "Aprendizagens Essenciais"*. Consultado a 9 de setembro, 2019. http://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/emrc_2c_5a.pdf.

anos de escolaridade. Deste modo, destacamos: a promoção do respeito pela multiculturalidade, o reconhecimento e valorização da diversidade, as interações entre diferentes culturas, a justiça, a igualdade e a equidade e estabelecer consigo próprio e com os outros uma relação harmoniosa e salutar.⁷⁵

Para a lecionação da Unidade Letiva 4: Construir a Fraternidade propomos cinco tempos letivos.

1.3.1. Aula número 1: Introdução ao conceito de fraternidade

A primeira aula tem como objetivo introduzir o tema da fraternidade e elaborar uma lista de características que traduzem o que é *ser fraterno*. Deste modo, recorreremos a uma dinâmica lúdica e pedagógica. Assim, através do jogo pretendemos despertar a curiosidade e a atenção dos alunos para as temáticas que vão ser abordadas ao longo da Unidade Letiva. No que se refere ao sumário este será escrito na aula seguinte, em conjunto com os alunos, após a realização do *feedback* inicial, como síntese dos conteúdos lecionados. No entanto, no plano de aula é apresentado um sumário que serve de orientação para a aula e que refere, também, os tópicos que devem ser abordados aquando da realização do sumário em grupo.

Propomos, assim, para a lecionação dos conteúdos da primeira aula, o plano de aula⁷⁶ que se encontra anexo.

A aula inicia-se com o acolhimento e, como já referimos, de forma a motivar os alunos para a temática da fraternidade, segue-se a realização de um jogo. Assim, os elementos que constituem a sala de aula são previamente reorganizados de forma a colocar as cadeiras em círculo deixando espaço para os alunos circularem livremente. O jogo intitula-se *As cores*⁷⁷ e os materiais necessários para a sua realização são etiquetas autocolantes circulares de 6 cores diferentes (pintas). A professora cola uma pinta na testa de cada aluno de forma a compor grupos de cores (um trio de pintas brancas, um trio de pintas vermelhas, um par de pintas azuis, um par de pintas amarelas...). Os alunos desconhecem a cor da pinta que cada um tem, mas, conseguem ver a cor da pinta dos colegas. Os alunos circulam livremente pela sala e percebem que conseguem ver a cor das

⁷⁵ Cf. *Direção Geral da Educação*, “Aprendizagens Essenciais”. Consultado a 9 de setembro, 2019. http://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/emrc_2c_5a.pdf.

⁷⁶ Consultar anexo, documento 1.

⁷⁷ As regras e procedimentos do jogo encontram-se disponíveis no site: <https://liderancaenegociacao.blogspot.com/2006/11/dinmica-as-cores.html>. Consultado a 7 de janeiro, 2019.

pintas dos colegas. Assim, espera-se que, espontaneamente, os alunos comecem a juntar os colegas com a mesma cor. O objetivo é os alunos tomarem consciência que, para terminarem o jogo, é preciso interajuda. Assim, se se ajudarem uns aos outros, se forem amigos, se se preocuparem com o outro e se unirem esforços conseguem terminar o jogo com sucesso. Este jogo tem como finalidade levar o aluno a descentralizar-se, a ver a necessidade do outro e a ajudá-lo a superar essa necessidade, ou seja, ser amigo e responsável pelo outro, ser fraterno.

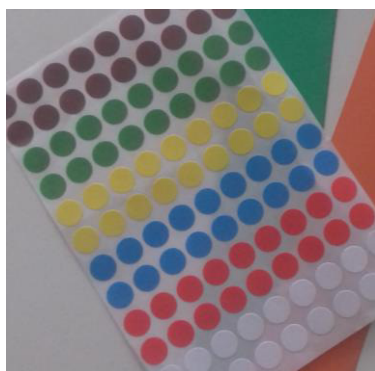


Figura 1: Imagem das etiquetas autocolantes circulares (pintas) utilizadas no jogo *As cores*

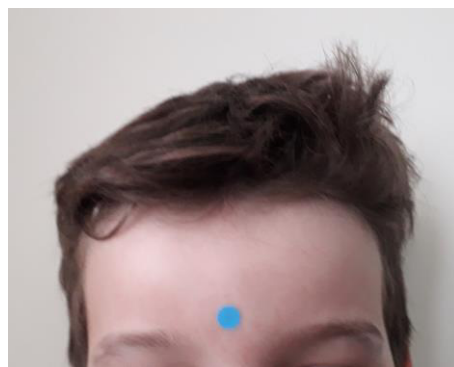


Figura 2: Imagem de um aluno com a *pinta* na testa

Dando seguimento à aula a professora explica o funcionamento e as regras do jogo a todos os alunos. Os alunos têm de encontrar os colegas que possuem a pinta da mesma cor e sentarem-se nas cadeiras. O jogo termina quando todos os alunos estiverem sentados por cores. Para realizarem o jogo corretamente os alunos não podem falar nem tentar descobrir a cor que têm (não podem retirar a pinta da testa ou ver o reflexo no vidro da janela). Depois de conhecerem dos procedimentos e respectivas regras dá-se início ao jogo. Após o início do jogo a professora vê-se obrigada a terminá-lo, uma vez que, alguns alunos, não respeitam as regras do jogo dizendo a cor da pinta que o outro tem. Assim, é dada uma segunda oportunidade, mas, novamente, os alunos continuam a infringir as regras do jogo. Dá-se por terminado o jogo e, a docente, pede aos alunos para se sentarem. Depois de estarem todos sentados a professora inicia um diálogo com os alunos de forma a expressarem as suas ideias e sentimentos face ao sucedido.

Embora o jogo não tenha corrido como era suposto a professora, em plenário, conduz o diálogo de forma a expressarem as suas ideias referindo o que falhou e o que sentiram por não terem concluído o jogo. São questionados, também, sobre o que deviam

de ter feito para o concluírem. Depois dos alunos falarem conclui-se que o que fizeram não foi correto, uma vez que, não estavam a cumprir as regras, não estavam a pensar naqueles que queriam realizar o jogo até ao fim, não estavam a respeitar o outro, ou seja, só estavam a pensar neles próprios sem pensar nas consequências dos seus atos. Concluem, também, que para terminarem o jogo, com sucesso, deviam estar atentos ao outro e ajudá-lo a encontrar os seus colegas de grupo. Fazendo o ponto de situação a docente regista no quadro os conceitos que os alunos vão dizendo (ajudar, partilhar, ser amigo, ser unido, preocupar-se com os outros, interessar-se e respeitar os outros). Após este registo, a professora refere que estes conceitos são características de *ser fraterno*. Este novo termo chama a atenção dos alunos e desperta a curiosidade que os leva a questionar a docente sobre o seu significado. A professora refere que na próxima aula irão descobrir o significado deste novo conceito. Após este momento a aula termina desejando a todos a continuação de uma boa semana.

1.3.2. Aula número 2: Todas as pessoas são iguais em dignidade

Após uma primeira abordagem ao conceito de *ser fraterno* a segunda aula tem como objetivos dar a conhecer a definição de fraterno e fraternidade, apresentar a noção de dignidade e levar os alunos a constarem que todas as pessoas são iguais em dignidade. Relativamente ao sumário este será escrito, novamente, na aula seguinte, em conjunto com os alunos, após a realização do *feedback* inicial, como síntese dos conteúdos lecionados. Assim, esperamos que os alunos concluam que a ideia principal a reter é: Todas as pessoas são iguais em dignidade (que é referida, como sumário, no plano de aula⁷⁸).

Para a segunda aula propomos o plano de aula que segue anexo.

A aula inicia-se com o acolhimento procedendo-se, em seguida, ao *feedback* da aula anterior de modo a, em conjunto, se registar no quadro e, posteriormente, nos cadernos diários dos alunos, o sumário da aula transata. Após este exercício a professora escreve no quadro: Realização do jogo *As cores*. Diálogo com os alunos sobre o jogo. Características de *ser fraterno*.

Seguidamente a docente entrega, a cada aluno, um Caderno de Atividades⁷⁹ que será utilizado ao longo da aula para descobrirem o significado de fraternidade e por que é que devemos ser fraternos, culminado na descoberta de um novo conceito: dignidade.

⁷⁸ Consultar anexo, documento 2.

⁷⁹ Consultar anexo, documento 3.

Depois de distribuídos os Cadernos de Atividades a professora pede a um aluno que comece a ler. Novamente são referidos as ideias que resultaram do plenário da aula anterior, concluindo que essas ideias são características de *ser fraterno*. Seguidamente, outro aluno, lê o significado de fraterno, bem como o de fraternidade. Após este momento a docente questiona por que razão devemos ser fraternos, por que razão devemos ser unidos, viver em harmonia, preocuparmo-nos com os outros, sermos afetuosos, amarmos-nos como irmãos? Assim, para responder a esta questão os alunos são convidados a visualizarem dois vídeos. O primeiro vídeo intitula-se *Farmony*⁸⁰ e o segundo trata-se de um vídeo sobre a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*⁸¹. Após a visualização, os alunos realizam, em conjunto, a Tarefa 1 proposta no Caderno de Atividades. Assim, os alunos leem, alternadamente, as alíneas e referem se se trata, ou não, de uma opção correta. No caso de um aluno não responder de forma correta a docente reformula a alínea na tentativa de o encaminhar para a opção correta. No que se refere às Tarefas 2 e 3 estas são realizadas individualmente. Assim, a docente aguarda alguns minutos de forma a que todos concluam as tarefas e procede-se à correção⁸² em conjunto. A aula termina com a descoberta de um novo conceito: dignidade. Assim, perante a pergunta inicial: Por que é que devemos ser fraternos, a resposta é porque todos somos importantes, todos temos o mesmo valor, todos somos iguais e todos merecemos ser tratados com respeito, porque todos somos iguais em dignidade. Após esta descoberta a aula termina desejando a todos a continuação de uma boa semana.

1.3.3. Aula número 3: As fragilidades e ameaças à fraternidade

A terceira aula tem como objetivo identificar as fragilidades e ameaças à fraternidade. Embora todos sejamos iguais em dignidade e que nos leva, conseqüentemente, ao respeito pelo outro, a verdade é que o ser humano tem atitudes que põem em causa as relações fraternas. Para abordar esta questão a docente realiza uma dinâmica com os alunos onde estes são levados, por analogia, a concluir o quanto vulneráveis são as relações humanas e que existem muitos fatores que as podem ferir ou destruir.

⁸⁰ O vídeo encontra-se disponível em: <https://youtu.be/jizyi83ph20>; Consultado a 10 de janeiro, 2019.

⁸¹ O vídeo encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cs5-rbwUGQQ>. Consultado a 10 de janeiro, 2019.

⁸² Consultar anexo, documento 4.

O plano de aula⁸³ proposto, para a leção dos conteúdos, encontra-se anexo.

Dando início à aula, após o acolhimento, procede-se ao *feedback* da aula anterior. Assim, a docente pede aos alunos que indiquem conceitos que se relacionam com a palavra fraternidade. À medida que os alunos vão referindo os conceitos (ser amigo, carinho, respeitar, ajudar, amar, afeto, união, dignidade) a docente escreve-os no quadro. O esquema que resulta deste exercício será, posteriormente, utilizado. No final os conceitos são inseridos dentro de um círculo criando um efeito de corrente (união).

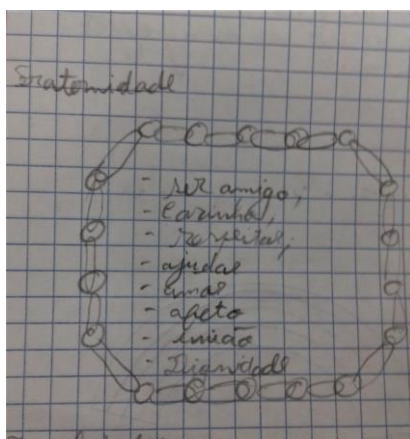


Figura 3: Imagem do Caderno Diário de um aluno com o esquema referente ao conceito de fraternidade

Após este momento e, partindo do conceito de dignidade, a docente questiona os alunos sobre a ideia central abordada na aula anterior e que resume toda a aprendizagem. Assim, os alunos concluem que o que descobriram na última aula foi: Todas as pessoas são iguais em dignidade. Será esta ideia que a docente registra no quadro, como sumário e, posteriormente, os alunos escrevem no caderno diário.

Em seguida a docente pede aos alunos que contemplem o esquema que está no quadro. Orientados pela professora os alunos constatarem que os conceitos estão inseridos numa corrente que, metaforicamente, os une. Posto isto, a docente explica que vão realizar uma dinâmica que simboliza a união da turma que se intitula a *Corrente da Fraternidade*. Assim, a professora entrega, a cada aluno, uma tira de papel de cartolina e pede que cada um escreva o seu nome. À medida que os alunos vão escrevendo o nome, agrafam a tira de cartolina de forma criarem um elo que se une a outro elo e assim sucessivamente. No final é criada a *Corrente da Fraternidade*.

⁸³ Consultar anexo, documento 5.



Figura 4: Imagem final da *Corrente da Fraternidade* exposta no *placard* da sala da Turma

Depois da corrente estar construída a docente inicia um diálogo com a turma. A professora começa por dizer que a corrente é frágil e que facilmente se rasga ou se danifica. Assim, através desta analogia a professora leva os alunos a concluir que tal como a corrente que pode rasgar-se, amassar-se e ficar danificada, as relações humanas também são frágeis ou vulneráveis. Dando seguimento ao diálogo a docente pergunta aos alunos que exemplos de sentimentos ou atitudes podem pôr em causa as relações de fraternidade entre todos. Os alunos expõem, um a um, as suas ideias. Cada aluno é convidado a escrever, no quadro, a sua ideia (tristeza, inveja, maldade, mal educado, inimigo, crueldade, ódio, fúria, mágoa, vingança, chatice, desgosto). Como já foi referido o esquema sobre a fraternidade é mantido para se poder estabelecer uma comparação entre aquilo que devemos fomentar e aquilo que devemos combater. Este esquema não é fechado, ou seja, unido por elos, mas sim inserido num círculo tracejado de forma a criar um efeito de desunião. Os alunos conseguem, deste modo, constatar que estas ideias devem ser combatidos e são fortificadas. A aula termina com a contemplação dos esquemas e com o desejo de uma boa semana.

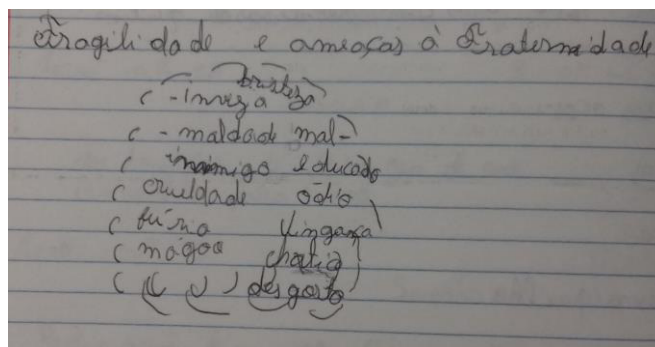


Figura 5: Imagem do caderno diário de um aluno com o esquema referente às fragilidades e ameaças à fraternidade

1.3.4. Aula número 4: A importância do perdão nas relações com os outros.

A Regra de Ouro do Cristianismo e de outras tradições religiosas

A quarta aula tem como objetivos promover o valor do perdão nas relações interpessoais e reconhecer a Regra de Ouro do Cristianismo e de outras tradições religiosas.

Depois dos alunos constatarem que são inúmeros os fatores que ferem as relações fraternas e que podem levar à sua destruição, estes são questionados sobre o que fazer perante essas ameaças. Assim, perante situações de violência, por exemplo, ou de algum tipo de injustiça, como devemos responder? Devemos responder com violência? Devemos desculpar? E quando somos nós próprios a ferir o outro, a causar-lhe algum tipo de dano? O que devemos fazer? Continuar com esse comportamento? Ou devemos tomar consciência que errámos, arrependemo-nos do mal que causamos e pedir perdão? Estas questões levam os alunos a tomarem consciência que o perdão é fundamental nas relações humanas de forma a possibilitar uma convivência mais harmoniosa entre todos, ou seja, mais fraterna.

Para abordarmos estes conteúdos propomos o plano de aula⁸⁴ que segue anexo.

Depois do acolhimento procede-se ao *feedback* da aula anterior. Seguidamente, elabora-se, em turma, o sumário da aula anterior que contém, mais uma vez, a ideia central da mesma: As fragilidades e ameaças à fraternidade.

Relembrando o último esquema realizado na aula transata a professora questiona os alunos sobre que atitudes devemos ter perante as fragilidades e ameaças à fraternidade, ou seja, por exemplo, o que devemos fazer perante a maldade, o ódio, a crueldade. Os alunos manifestam as suas opiniões concluindo que não devemos responder com violência, mas sim, com amor e perdão de forma a possibilitar uma convivência mais harmoniosa entre todos. De seguida a professora lança outra questão: E quando somos nós a ameaçar os laços fraternos? O que devemos fazer? Os alunos referem que quando têm uma atitude menos correta com os outros pedem desculpa ou perdão. Assim, os alunos são levados a concluir que perante as fragilidades e ameaças à fraternidade devem perdoar e pedir perdão. Estas ideias são registadas no quadro de forma a elaborar um esquema. A docente continua a questionar os alunos sobre o que é que eles entendem por perdoar. Perdoar não é simplesmente desculpar ou pedir desculpa é ter consciência de que o que fazemos magoa o outro e o que nos fazem nos magoa também. Todos erramos, todos temos atitudes que

⁸⁴ Consultar anexo, documento 6.

magoam e ferem os outros. Devemos ter consciência disto e melhorar as nossas ações, sendo o perdão um ponto de partida. Os discentes expõem as suas ideias e, como síntese, escreve-se no quadro as seguintes: perdoar os erros dos outros, reconhecer os nossos erros, pedir perdão a quem ofendemos. De seguida, a professora pergunta o que acontece quando perdoamos e somos perdoados? Ou seja, por que razão é importante toda a questão do perdão. Mais uma vez os alunos dizem o que pensam sobre o assunto e regista-se no quadro algumas ideias: vivemos em união, vivemos em paz, vivemos em fraternidade.

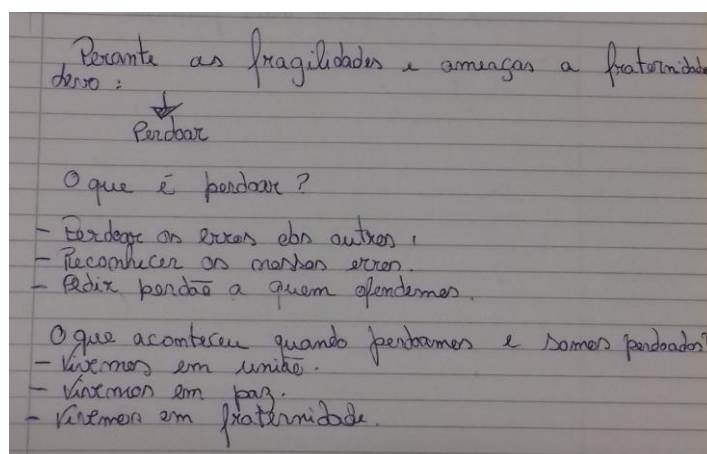


Figura 6: Imagem do caderno diário de uma aluno com um esquema referente ao perdão

Após o registo do esquema no caderno diário a professora questiona, novamente, os alunos sobre se existe uma regra que podemos seguir para vivermos em união, em paz, em fraternidade. Para responder a esta questão, a professora convida cada aluno a retirar, de dentro de um saco, uma pulseira que contém um exemplo de uma Regra de Ouro que nos ajuda a fomentar as relações fraternas. Assim, é dada a conhecer, aos alunos, a Regra de Ouro do Cristianismo, “o que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho vós também” (Lc 6,31), e de outras tradições religiosas como o Judaísmo, o Islão, o Hinduísmo, o Budismo e o Confucionismo⁸⁵.

⁸⁵ As Regras de Ouro foram retiradas do Manual Escolar de EMRC do 7.º ano. Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Quero saber! - 7.º ano* (Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã: Torres Novas, 2015), 152.



Figura 7: Imagem do saco e das pulseiras que foram distribuídas aos alunos



Figura 8: Imagem do pulso de um aluno com a pulseira.

Por fim, a professora entrega, a cada aluno, um cartão⁸⁶ com a Regra de Ouro do Cristianismo e de outras Tradições Religiosas com uma breve apresentação de cada uma⁸⁷.

Após a leitura do cartão a aula termina desejando a todos uma boa semana.

1.3.5. Aula número 5: Construir um mundo fraterno

A quinta e última aula tem como objetivo levar os alunos a comprometerem-se na construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.

Ao longo das últimas aulas os alunos trabalharam o conceito de fraternidade e a importância de vivermos em harmonia uns com os outros. Sermos fraternos envolve uma preocupação com o bem-estar do outro e esta preocupação leva ao cuidado. Nesta aula o conceito do outro será alargado a todas as criaturas. Para a construção de um mundo mais fraterno não podemos deixar de parte os animais, as plantas e o próprio planeta Terra. Tudo é criação de Deus, logo, tudo deve ser cuidado e estimado.

De referir, também, que, sendo a última aula, os alunos vão realizar um exercício final de avaliação da Unidade Letiva. O exercício consiste na elaboração de um cartaz que, posteriormente, será afixado no *placard* da sala de aula da turma. O sumário, ao contrário das outras aulas, será escrito logo após o *feedback* dando a conhecer, aos alunos, o tema que vai ser abordado na aula.

⁸⁶ Consultar anexo, documento 7.

⁸⁷ Cf. Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Quero saber!* - 7.º ano, 45-50.

Assim, para a última aula, propomos o plano de aula⁸⁸ que se encontra anexo.

Depois do acolhimento procede-se ao *feedback* e, seguidamente, elabora-se, em turma, o sumário da aula anterior. Os alunos expressam as suas ideias referindo que, na última aula, abordamos a importância do perdão nas relações com os outros e aprendemos a Regra de Ouro do Cristianismo e de outras tradições religiosas. São estas as ideias que a professora escreve no quadro, como sumário da aula anterior. Em seguida, pede aos alunos que refiram, novamente, por que é importante o perdão. Os alunos referem que é importante para podermos viver em paz, harmonia e em união fraterna. Deste modo, a docente leva os alunos a concluir que viver em paz, harmonia e em união fraterna é uma tarefa trabalhosa e que exige a intervenção ativa de todos. Após este momento, a professora escreve no quadro *Construir um mundo fraterno* e refere que se trata do sumário da aula.

Dando continuidade, a docente coloca, aos alunos, o seguinte desafio: O que é que cada um de nós pode fazer para construir um mundo mais fraterno? Para a realização deste exercício a docente afixa, no quadro, um Mapa-mundo. Em seguida entrega a cada aluno um *post it*, pedindo que escrevam o que cada um vai fazer para tornar o mundo mais fraterno. À medida que os alunos vão escrevendo dirigem-se ao quadro e colam, no Mapa-mundo, o seu *post it*. Depois de todos os alunos terminarem esta tarefa a professora lê, em voz alta, o que os alunos escreveram: não magoar os outros, ajudar as pessoas, amar os outros do jeito que eles são, melhorar o amor no mundo, dar comida e dinheiro, fazer muitos amigos, criar amizade, não fazer poluição, não matar nem magoar os animais e não matar os cachalotes. Em seguida o Mapa-mundo é afixado no *placard* da sala.



Figura 9: Imagem final do cartaz que resultou da atividade *O que é que eu posso fazer para construir um mundo mais fraterno?* – exposto no *placard* da sala da turma

⁸⁸ Consultar anexo, documento 8.

Após este momento a professora inicia um novo diálogo com os alunos onde lhes pede que refiram o que aprenderam na Unidade Letiva. Os alunos expressam as suas ideias e, no final, registam, num cartão, o que aprenderam de mais importante na Unidade Letiva. Sobre este exercício em concreto falaremos no tópico seguinte referente à avaliação da PES.

No final deste exercício a professora entrega a cada aluno uma lembrança⁸⁹, que pode ser partilhada com os restantes colegas e amigos, com a seguinte mensagem: *Conto contigo na construção de um Mundo mais Doce!* Seguidamente a docente despede-se de todos os alunos e combina, com eles, um novo encontro de forma a afixarem o cartaz final.

1.4. Autoavaliação da Prática de Ensino Supervisionada (PES)

Relativamente à autoavaliação da PES podemos referir que, no que concerne aos objetivos e às aprendizagens essenciais, propostas para cada aula, estes foram atingidos de forma bastante satisfatória. Esta constatação resulta da análise do exercício final de avaliação da Unidade Letiva. Neste exercício pedimos, aos alunos, para escreverem uma frase ou tópicos, num cartão, que resumissem o que aprenderam. No final todos os cartões foram colados numa cartolina resultando no cartaz cujo título é: *Na Unidade Letiva 4: Construir a fraternidade aprendi...* Os alunos referiram o seguinte: aprendi que a fraternidade é ser irmão, que devemos ajudar os outros, que toda a gente é como é, aprendi o valor das outras pessoas, a ter amor e respeito, a ser fraterno, a ser amigo de todos, a ter amor e respeito pelas pessoas, que não devemos magoar ou ferir as pessoas, a fraternidade é ser amigo, aprendi que devo dar dinheiro e comida ao meu país (Angola).

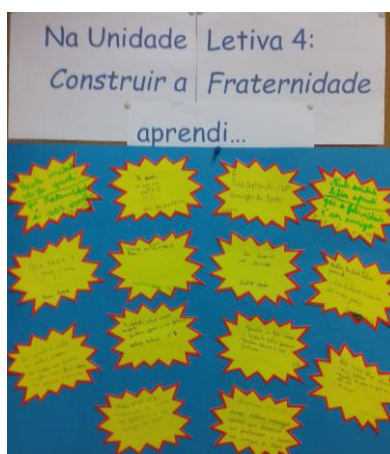


Figura 10: Imagem do cartaz que resultou da atividade de avaliação final da Unidade Letiva 4: *Construir a fraternidade*, exposto no placard da sala da turma

⁸⁹ Consultar anexo, documento 9.

Após a análise das frases escritas pelos alunos podemos concluir que conseguimos atingir os objetivos que estipulamos para esta Unidade Letiva. De uma forma geral, os alunos conseguiram reter ideias que traduzem a vivência fraterna entre todos, que se trata do núcleo central desta Unidade. Assim, podemos referir que conseguiram compreender o conceito de fraternidade, bem como, o de dignidade, que tomaram consciência das fragilidades das relações fraternas e da importância do perdão, sem esquecer que se comprometeram na construção de um mundo mais fraterno promovendo do bem comum o cuidado do outro.

No que se refere às estratégias centramo-nos mais no diálogo com os alunos de forma a proporcionar descobertas. Tendo em conta a faixa etária dos alunos da turma (10 e 11 anos) privilegiamos, também, trabalhos práticos que resultassem em algo concreto, de forma a poderem ser afixados, ou levados para casa mantendo-se, assim, presentes na vida dos alunos. Com a realização dos trabalhos pretendíamos, também, criar uma uniformidade e união de forma a culminar num grande mural de turma.



Figura 10: Imagem final do placard da sala da turma com todos os cartazes

Outra situação que gostaríamos de dar a conhecer e que, em certa medida, nos permite constatar que o objetivo central desta Unidade Letiva foi apreendido, prende-se com a última aula. Como já referimos cada aluno recebeu um saco com doces que podiam partilhar com os amigos e colegas. Quando saíram da sala muitos dos alunos partilharam, com os restantes colegas da turma, que não frequentam a disciplina de EMRC, os referidos doces. Tratou-se, sem dúvida de um bonito gesto que guardamos na memória.

Durante as aulas deparamo-nos, também, com algumas situações que necessitavam da resposta imediata da professora. Como já referimos, na primeira aula, os alunos não conseguiram terminar o jogo com sucesso. Deste modo, foi necessário terminar o jogo e

abordar o tema partindo de uma experiência diferente. Foi necessário orientar os alunos para as conclusões que pretendíamos, de forma a caracterizarem *ser fraterno*, bem como, reforçar a importância do cumprimento de regras.

De referir, também, que um aluno, na última aula, afirmava que não tinha aprendido nada durante a lecionação da Unidade Letiva e, por isso, não ia escrever nada no cartão. Perante esta situação é necessário uma resposta pronta, assim, a docente dialoga com o aluno de forma ele se lembrar de todas as atividades que realizou durante as aulas. Depois deste momento de diálogo e reflexão, o aluno escreveu algo semelhante ao que tinha escrito no exercício do Mapa-mundo.

Seguidamente, devemos referir, também, alguns aspetos que não foram tão bem conseguidos. Assim, na aula número dois sentimos dificuldade na gestão do tempo. Para a referida aula foram escolhidos dois vídeos que se mostraram demasiado longos. A exploração dos mesmos foi realizada de uma forma apressada e centrada só no essencial. Consideramos que, a visualização e exploração de um vídeo, numa aula de cinquenta minutos, é suficiente de forma a se explorar, com mais calma, os conteúdos, fomentando um diálogo mais proveitoso entre todos.

Relativamente à aula número três devemos referir que a utilização de cores fortes e variadas (azul, vermelho e verde) para o esquema da fraternidade e da cor preta para o das fragilidades e ameaças à fraternidade pode levar à criação de estereótipos e preconceitos. Assim, em futuras aulas teremos mais atenção e cuidado na escolha das cores, mantendo, por exemplo, a cor preta em ambos os esquemas salientando os elos unidos e os elos separados de forma a enfatizar a união e a desunião.

Na aula número quatro mais uma vez a questão da gestão do tempo que impossibilitou uma análise mais pormenorizada da Regra de Ouro do Cristianismo e de outras tradições religiosas. Contudo, este tema será abordado no 7.º ano, tratando-se, assim, de um momento introdutório.

Por último, gostaríamos de referir que, para além dos conteúdos que abordamos nas aulas, é importante os laços que criamos com a turma e a história que construímos em conjunto. Assim, acreditamos que contribuímos de forma positiva para o crescimento da turma e para a sua união fraterna.

CONCLUSÃO

Após a construção de um referencial teórico que nos possibilita, com rigor, planificar a Unidade Letiva 4 – Construir a fraternidade e da apresentação do resultado desse trabalho, que culminou na PES, podemos redigir algumas considerações finais.

Assim, no início do trabalho propomos alguns objetivos que consideramos que foram cumpridos. Com a clarificação o conceito de fraternidade somos capazes de, mais facilmente, conseguir apresentar uma definição que é compreendida pelos alunos. Ao clarificarmos o conceito abrimos caminho para a apreensão do termo dignidade humana. São dois conceitos que não podemos dissociar. No entanto, sabemos que as relações humanas são, muitas vezes, vulneráveis. O outro que está à nossa frente é um ser que, facilmente, pode ser ferido. O nosso egoísmo e consumismo levamos a atos cruéis que facilmente ameaçam as relações fraternas. Assim, temos que ter cuidado para que não ferirmos o outro. Temos, perante todos e perante tudo o que é Criação de Deus, a responsabilidade de cuidar e de promover o bem comum. É pela tomada de consciência de que somos seres de relação que conseguimos dar um passo em frente na construção um mundo mais fraterno. Mas, a responsabilidade tem de se estender a todas as nações porque, só assim, podemos alcançar a paz entre todos os povos. Deste modo, podemos referir que os objetivos traçados no início deste trabalho forma atingidos com sucesso.

No que se refere à PES a fundamentação teórica possibilita uma planificação, da Unidade Letiva, mais rigorosa de forma a promover o sucesso educativo dos alunos. A planificação das aulas centra-se no diálogo com os alunos, na descoberta e na realização de exercícios/trabalhos práticos. Consideramos que estas metodologias promovem uma aprendizagem mais atrativa dos conteúdos. Levar os alunos a descobrirem os conceitos, a pensarem, a estabelecerem comparações, analogias, a realizarem trabalhos práticos, a manifestarem as suas ideias, a tomarem uma atitude de responsabilidade perante o mundo atual é, sem dúvida, a prova que os objetivos foram alcançados com sucesso.

O tema da fraternidade não se esgota numa Unidade Letiva. Ao longo de todo o percurso escolar os alunos irão, novamente, abordar este tema, seja na disciplina de EMRC ou noutras. Mas a verdade é que a construção de um mundo mais fraterno é responsabilidade de todos, não se restringe os estudantes e aos professores. Assim, a mensagem deve sair das quatro paredes da sala de aula e ganhar uma dimensão à escala mundial. Todo o ser humano é chamado para fazer parte da Criação. Assim, urge uma

mudança de paradigma baseada naquilo que a essência do ser humano: o amor. Porque, no fundo, se há amor tudo o resto é acidental.

BIBLIOGRAFIA

Bíblia Sagrada. Coimbra: Difusora Bíblica, 2008.

Cabral, Roque. *Temas de Ética*. Braga: Faculdade de Filosofia da UCP - Braga, 2000.

Catecismo da Igreja Católica. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.

Dicionário da Língua Portuguesa, 8.^a Edição. Porto: Porto Editora, 1999.

Dicionário da Língua Portuguesa, 6.^a Edição. Porto: Porto Editora, 1989.

Dicionário da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora. 2010.

Dicionário de Filosofia. Braga: Plátano Editora, 1999.

Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, vol. III. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

Duque, João. “Fraternidade originária: da violência mimética à responsabilidade pelo outro”. *Forma Breve* 12 (2015):71-78.

Duque, João. “Do sentimento de si ao sentimento do Outro”, *Theologica* 2.º Série 46 (2011): 15-29.

Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura, 8.^a Edição. Lisboa: Editorial Verbo, 1969.

Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Quero saber! - 7.º ano*. Torres Novas: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.

Francisco. *Quem sou eu para julgar*. Amadora: Nascente, 2017.

Francisco. *O verdadeiro poder é servir*. Amadora: Nascente, 2013.

Francisco. Carta Encíclica Francisco *Laudato Si’ – sobre o cuidado da casa comum*. Lisboa: Paulus. 24 de maio de 2015.

Grande Dicionário da Língua Portuguesa, volume 2. Matosinhos: Editorial Confluência/Livros Horizonte, 2002.

Kant, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70, 2007.

Louis Evely. *Fraternidad y Evangelio*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1966.

Merino, José Antonio. “Ecología y fraternidad global”, *Didaskalia* volumen XLVI (2016): 101-115.

Novo Dicionário Compacto de Língua Portuguesa, vol. III. Lisboa: Horizonte Confluência, 1980.

Osswald, W. “Solidariedade, fraternidade, política: as questões nem sempre fáceis”, *Humanística e Teologia* 26 (2005): 59-65.

Sitiografia

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches de Braga. Consultado a 25 de maio, 2019. http://www.aefranciscosanches.pt/01_Caraterizacao_agrupamento2019.pdf.

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches de Braga. Consultado a 25 de maio de 2019. http://www.aefranciscosanches.pt/Prejeto_Educativo_2019.pdf.

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches de Braga. Consultado a 25 de maio, 2019. http://www.aefranciscosanches.pt/Prejeto_Educativo_2019.pdf.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. Consultado a 10 de janeiro, 2019. <https://www.youtube.com/watch?v=cs5-rbwUGQQ>.

Diário da República Eletrónico. “Declaração Universal dos Direitos Humanos”. Consultado a 22 de março, 2019. <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

Direção Geral da Educação, “Aprendizagens Essenciais”. Consultado a 9 de setembro, 2019. http://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/emrc_2c_5a.pdf.

Farmony. Consultado a 10 de janeiro, 2019. <https://youtu.be/jizyi83ph20;>

Francisco e Ahmed Al-Tayyeb. Documento sobre *A Fraternidade Humana em prol da paz mundial e da convivência comum*. 4 de fevereiro de 2019. Consultado a 22 de maio, 2019. w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html

Liderança e negociação. “Dinâmica: As cores”. Consultado a 7 de janeiro, 2019. <https://liderancaenegociacao.blogspot.com/2006/11/dinmica-as-cores.html>.

Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória. Consultado a 5 de setembro, 2019. http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf.

ANEXOS



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas
Dr. Francisco Sanches
Ano letivo 2018/2019

Plano de Aula

Domínio / Unidade Letiva 4 – Construir a Fraternidade

Aula n.º 2/5

Ano: 5.º Turma: 8

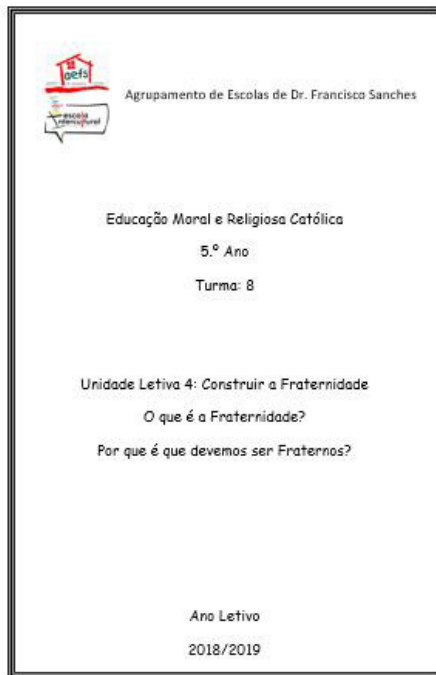
Data: 17 de janeiro de 2019

Tempo previsto: 50 minutos

Sumário: Todas as pessoas são iguais em dignidade.

Subdomínios	Objetivos / Descritores	Aprendizagens Essenciais	Ações / Estratégias de ensino orientadas para o perfil do aluno	Descritores do perfil do aluno	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
- Iguais em dignidade.	- Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano.	- Constatar a igual dignidade de todo o ser humano.	- Acolhimento; - <i>Feedback</i> da aula anterior; - Elaboração, em turma, do sumário da aula anterior e posterior registo no caderno diário; - Visualização do vídeo <i>Farmony</i> . https://youtu.be/jjzyf83ph20 ; - Visualização de um vídeo sobre a Declaração dos Direitos Humanos: https://www.youtube.com/watch?v=cs5-rbwUGQQ - Realização das tarefas propostas no Caderno de Atividades construído pela professora;	- Participativo/colaborador (A, B, C, D, E, F, H, I) - Sistematizador/organizador (A, B, C, I) - Comunicador (A, B, D, H) - Crítico/analfítico (A, B, C, D)	- Quadro e marcador; - Projetor e computador - Caderno de Atividades construído pela professora.	50 minutos	- Observação direta; - Participação organizada; - Respeito pelo grupo; - Cumprimento das tarefas propostas; - Atenção e concentração; - Interesse e motivação.

Documento 3: Caderno de Atividades



Na última aula de EMRC aprendemos que:

- Ajudar;
- partilhar;
- ser amigo;
- ser unido;
- preocupar-se com os outros;
- interessar-se pelos outros;
- respeitar os outros.

São características de ser **Fraterno**.

Fraterno significa: de irmão, próprio de irmãos, afetuoso, fraternal.

Fraternidade significa: afeto, união, carinho ou parentesco entre irmãos, amor ao próximo, harmonia entre todos.

Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora, 1999.

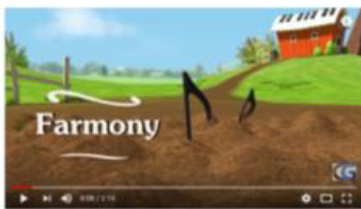


Mas, por que é que devemos ser fraternos?

Na aula de hoje vamos descobrir por que é que devemos ser fraternos!

Primeiro vamos visualizar dois vídeos:

1.º **Farmony**: <https://youtu.be/jizyi83ph20>



2.º **Declaração Universal dos Direitos Humanos**
<https://www.youtube.com/watch?v=cs5-rbwUGQQ>



Agora, vamos realizar as seguintes tarefas:

Tarefa 1: Escolhe as opções corretas.

1. Depois de visualizarmos o primeiro vídeo podemos concluir que:
 - a) Todas as notas musicais são diferentes.
 - b) Só as notas musicais que são idênticas nos permitem compor melodias.
 - c) Para compor uma melodia é necessário que as notas sejam diferentes.
 - d) Todas as notas musicais são importantes.
 - e) Algumas notas musicais são mais importantes do que outras.
 - f) Algumas notas musicais têm mais valor do que outras.
 - g) Todas as notas musicais são diferentes, mas, todas são importantes, ou seja, todas têm valor.
 - h) Podemos concluir que à semelhança do que acontece com as notas musicais algumas pessoas são mais importantes do que outras, ou seja, algumas pessoas têm mais valor do que outras.
 - i) Podemos concluir que à semelhança do que acontece com as notas musicais **todas as pessoas são importantes, ou seja, todas têm valor.**

2. Sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos aprendemos que:

- a) Foi escrita em 1948.
- b) Foi escrita porque todas as pessoas eram fraternas e viviam em paz.
- c) Foi escrita porque milhares de pessoas tinham morrido durante a Segunda Guerra Mundial.
- d) Os representantes de alguns países resolveram escrever 30 artigos porque achavam que os povos não eram fraternos.
- e) São 30 artigos que pertencem só aos países mais desenvolvidos e ricos.
- f) São 30 artigos que pertencem a todas as pessoas.
- g) O primeiro artigo diz que **todos devemos ser tratados da mesma maneira**, ou seja, **todos devemos ser respeitados, porque todos somos iguais**.
- h) Algumas pessoas não têm direito de pertencer a um país.
- i) O artigo 30 diz que ninguém pode tirar esses direitos e liberdades porque eles pertencem só a algumas pessoas.
- j) O artigo 30 diz que ninguém pode tirar esses direitos e liberdades porque eles pertencem a todas as pessoas.

Tarefa 2: Completa a frase com as palavras que, na tarefa 1, estavam a negrito.

Todas as pessoas são _____, todas as pessoas têm o mesmo _____.
 Por isso, todos devemos ser tratados com _____, porque somos todos _____.

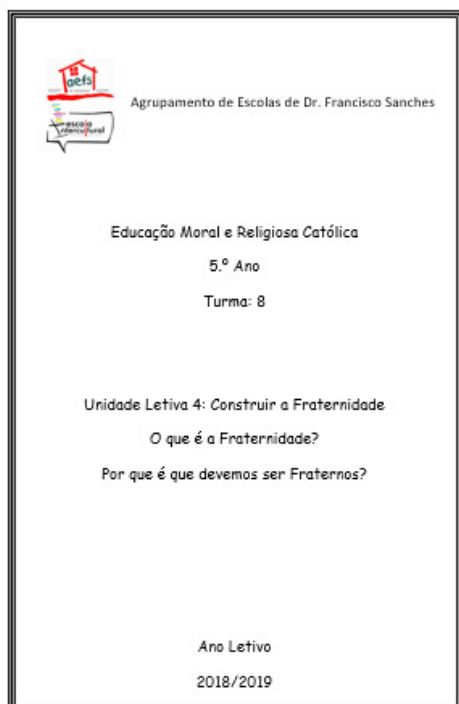
Tarefa 3: descobre a palavra mistério.

Concluimos que devemos ser fraternos porque todas as pessoas são iguais em



A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M
N	O	P	Q	R	S	T	U	V	X	Y	Z

Documento 4: Caderno de Atividades com a resolução das tarefas



Na última aula de EMRC aprendemos que:

- Ajudar;
- partilhar;
- ser amigo;
- ser unido;
- preocupar-se com os outros;
- interessar-se pelos outros;
- respeitar os outros.

São caraterísticas de ser **Fraterno**.

Fraterno significa: de irmão, próprio de irmãos, afetuoso, fraternal.

Fraternidade significa: afeto, união, carinho ou parentesco entre irmãos, amor ao próximo, harmonia entre todos.

Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora, 1999.

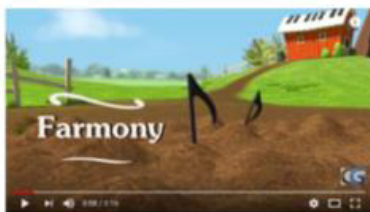


Mas, por que é que devemos ser fraternos?

Na aula de hoje vamos descobrir por que é que devemos ser fraternos!

Primeiro vamos visualizar dois vídeos:

1.º **Farmony**: <https://youtu.be/jizyi83ph20>



2.º **Declaração Universal dos Direitos Humanos**
<https://www.youtube.com/watch?v=cs5-rbwUGQQ>



Agora, vamos realizar as seguintes tarefas:

Tarefa 1: Escolhe as opções corretas.

1. Depois de visualizarmos o primeiro video podemos concluir que:
 - a) Todas as notas musicais são diferentes.
 - b) Só as notas musicais que são idênticas nos permitem compor melodias.
 - c) Para compor uma melodia é necessário que as notas sejam diferentes.
 - d) Todas as notas musicais são importantes.
 - e) Algumas notas musicais são mais importantes do que outras.
 - f) Algumas notas musicais têm mais valor do que outras.
 - g) Todas as notas musicais são diferentes, mas, todas são importantes, ou seja, todas têm valor.
 - h) Podemos concluir que à semelhança do que acontece com as notas musicais algumas pessoas são mais importantes do que outras, ou seja, algumas pessoas têm mais valor do que outras.
 - i) Podemos concluir que à semelhança do que acontece com as notas musicais todas as pessoas são importantes, ou seja, todas têm valor.

2. Sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos aprendemos que:
- Foi escrita em 1948.**
 - Foi escrita porque todas as pessoas eram fraternas e viviam em paz.
 - Foi escrita porque milhares de pessoas tinham morrido durante a Segunda Guerra Mundial.**
 - Os representantes de alguns países resolveram escrever 30 artigos porque achavam que os povos não eram fraternos.**
 - São 30 artigos que pertencem só aos países mais desenvolvidos e ricos.
 - São 30 artigos que pertencem a todas as pessoas.**
 - O primeiro artigo diz que todos devemos ser tratados da mesma maneira, ou seja, todos devemos ser respeitados, porque todos somos iguais.**
 - Algumas pessoas não têm direito de pertencer a um país.
 - O artigo 30 diz que ninguém pode tirar esses direitos e liberdades porque eles pertencem só a algumas pessoas.
 - O artigo 30 diz que ninguém pode tirar esses direitos e liberdades porque eles pertencem a todas as pessoas.**

Tarefa 2: Completa a frase com as palavras que, na tarefa 1, estavam a negrito.

Todas as pessoas são _____ importantes _____,
todas as pessoas têm o mesmo _____ valor _____.
Por isso, todos devemos ser tratados com
_____ respeito _____, porque somos todos _____ iguais _____.

Tarefa 3: Descobre a palavra mistério.

Concluimos que devemos ser fraternos porque todas as pessoas são iguais em

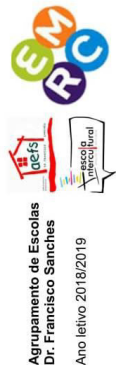
D I G N I D A D E



A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M
N	O	P	Q	R	S	T	U	V	X	Y	Z



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas
Dr. Francisco Sanches
Ano letivo 2018/2019

Plano de Aula

Domínio / Unidade Letiva 4 – Construir a fraternidade

Aula n.º 3/5

Ano: 5.º Turma: 8

Data: 24 de janeiro de 2019

Tempo previsto: 50 minutos

Sumário: As fragilidades e ameaças à fraternidade.

Subdomínios	Objetivos / Descritores	Aprendizagens Essenciais	Ações / Estratégias de ensino orientadas para o perfil do aluno	Descritores do perfil do aluno	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
- As fragilidades e ameaças à fraternidade.	- Verificar quais são as fragilidades e as ameaças à fraternidade.	- Identificar fragilidades e ameaças à fraternidade.	- Acolhimento; - <i>Feedback</i> da aula anterior com a elaboração de um esquema; - Elaboração, em turma, do sumário da aula anterior e posterior registo no caderno diário; - Realização da atividade <i>Corrente da Fraternidade</i> ; - Diálogo com os alunos e elaboração de um esquema síntese sobre as fragilidades e ameaças à fraternidade.	- Participativo/colaborador (A, B, C, D, E, F, H, I) - Sistematizador/organizador (A, B, C, I) - Comunicador (A, B, D, H) - Crítico/Analítico (A, B, C, D)	- Quadro e marcador; - Tiras de cartolina; - Agrafador.	50 minutos	- Observação direta; - Participação organizada; - Respeito pelo grupo; - Cumprimento das tarefas propostas; - Atenção e concentração; - Interesse e motivação.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas
Dr. Francisco Sanches
Ano letivo 2018/2019

Plano de Aula

Domínio / Unidade Letiva 4 – Construir a fraternidade
Aula n.º 4/5

Ano: 5.º Turma: 8
Data: 6 de fevereiro de 2019
Tempo previsto: 50 minutos

Sumário: A importância do perdão nas relações com os outros. A Regra de Ouro do Cristianismo e de outras tradições religiosas.							
Subdomínios	Objetivos / Descritores	Aprendizagens Essenciais	Ações / Estratégias de ensino orientadas para o perfil do aluno	Descritores do perfil do aluno	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
- Mensagem cristã sobre o perdão.	- Promover o valor do perdão na construção quotidiana de um mundo fraterno.	- Promover o valor do perdão nas relações interpessoais. - Reconhecer a Regra de Ouro do Cristianismo e de outras tradições religiosas.	- Acolhimento; - Feedback da aula anterior; - Elaboração, em turma, do sumário da aula anterior e posterior registo no caderno diário; - Diálogo com os alunos sobre que atitudes devem ter perante as fragilidades e ameaças à fraternidade. - Construção de um esquema, em turma, com as ideias principais sobre o perdão e a vivência Fraterna. - Apresentação a Regra de Ouro do Cristianismo e de outras tradições religiosas.	- Participativo/colaborador (A, B, C, D, E, F, H, I) - Sistematizador/organizador (A, B, C, I) - Comunicador (A, B, D, H) - Crítico/Analítico (A, B, C, D)	- Quadro e marcador; - Pulseiras com a Regra de Ouro do Cristianismo e de outras tradições religiosas. - Quadro com a Regra de Ouro do Cristianismo e de outras tradições religiosas e breve apresentação da tradição religiosa.	50 minutos	- Observação direta; - Participação organizada; - Respeito pelo grupo; - Cumprimento das tarefas propostas; - Atenção e concentração; - Interesse e motivação.

Documento 7 : Quadro com a Regra de Ouro do Cristianismo, do Judaísmo, do Islão, do Hinduísmo, do Budismo e do Confucionismo com breve apresentação de cada religião.

Regra de Ouro do Cristianismo e de outras Tradições Religiosas

“O que quiserdes que os outros vos façam, fazei-o vós também.”

Cristianismo: Religião daqueles que acreditam que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus e o Messias Prometido.

“Não faças aos outros aquilo que não queres que os outros te façam a ti.”

Judaísmo: Religião que surgiu em Israel como consequência da intervenção do Deus uno e único na História do povo Judeu.

“Nenhum de vós é um crente até que deseje a seu irmão aquilo que deseja para si.”

Islão: Religião que surgiu na Península Arábica, no século VII, baseada nos ensinamentos religiosos do profeta Maomé.

“Não façam nada aos outros que, se fosse feito a vós, vos causasse mágoa.”

Hinduísmo: Conjunto de tradições religiosas com várias crenças e cultos. As suas origens remontam ao segundo milénio a. C., na Índia.

“Não magoem os outros com aquilo que vos magoa a vós.”

Budismo: Surgiu na Índia, por volta do ano 500 a. C., como consequência dos ensinamentos de Sidartha Gautama.

“Aquilo que não desejas para ti, não o faças aos outros.”

Confucionismo: Fundada pelo sábio K'ung-fu-tzu, conhecido por Confúcio, que nasceu por volta do ano 552 a. C., em Tsou, na China.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas
Dr. Francisco Sanches
Ano letivo 2018/2019

Plano de Aula

Domínio / Unidade Letiva 4 – Construir a fraternidade
Aula n.º 5/5

Ano: 5.º Turma: 8
Data: 14 de fevereiro de 2019
Tempo previsto: 50 minutos

Sumário: Construir um mundo fraterno.						
Subdomínios	Objetivos / Descritores	Aprendizagens Essenciais	Ações / Estratégias de ensino orientadas para o perfil do aluno	Descritores do perfil do aluno	Recursos	Tempo
- Construir um mundo fraterno.	-Comprometer-se com a construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.	-Comprometer-se na construção de um mundo fraterno que promove o bem comum e o cuidado do outro.	- Acolhimento; - Feedback da aula anterior; - Elaboração, em turma, do sumário da aula anterior e posterior registo no caderno diário; - Registo do sumário da aula, no quadro e no caderno diário, como indicador do tema que vai ser abordado; - Exercício: <i>O que é que eu posso fazer para construir um mundo mais fraterno?</i>	- Participativo/ colaborador (A, B, C, D, E, F, H, I) -Sistematizador/ organizador (A, B, C, I) -Comunicador (A, B, D, H) -Crítico/Analítico (A, B, C, D) - Responsável/ autónomo (C, D, E, F, I) - Cuidador de si e do outro (B, E, F, G)	- Quadro e marcador; - Caderno diário; - <i>Post it</i> para a realização do exercício: <i>O que é que eu posso fazer para construir um mundo mais fraterno?</i> ; - Mapa- mundo; - Cartões para a realização do exercício final de avaliação da Unidade Letiva.	50 minutos
					- Observação direta; - Participação organizada; - Respeito pelo grupo; - Cumprimento das tarefas propostas; - Atenção e concentração; - Interesse e motivação. - Realização de um exercício de avaliação final da Unidade Letiva.	

Documento 9: Imagem da lembrança que entregamos, a cada aluno, na última aula.

